

Teodoro Lebral • Abel Tratas • Henrique Salvação



# DA VIDA E DA MORTE DOS BICHOS

• SUBSIDIOS • PARA • O • ESTUDO • DA • FAUNA • DE • ANGOLA • E • NOTAS • DE • CAÇA •  
I • ELEFANTES • RINOCERONTES •

CONGO FRANCÊS

C O N G O  
B E L G E



RODÉSIA

LEGENDA

- Capit. da Província
- de Distritos
- Sede de Circunscriçõe
- Povoçõe Civil
- Paroçõe
- Caminhos de Ferro
- Colodados

ZONA DE ELEFANTES  
ZONA DE RINOCERONTES

A F R I C A D O S U D O E S T E

**TEODÓSIO CABRAL**  
(Antigo Fiscal Geral de Caça em Angola)

**ABEL PRATAS**  
(Chefe dos Serviços de Pecuária de Angola)

**HENRIQUE GALVÃO**  
(Antigo Governador de Huila)

# Da Vida e da Morte dos Bichos

(Subsidio para o estudo da fauna de Angola e notas de caça)

I VOLUME

## ELEFANTES E RINOCERONTES

(6.<sup>a</sup> EDIÇÃO)



LIVRARIA POPULAR DE FRANCISCO FRANCO  
14, Rua de Barros Queirós, 18  
LISBOA

Todavia, a captura dos elefantes pequenos — quando eles já não são muito pequenos — não é tão fácil como se imagina. Nos pequenos bichos fervilham já instintos ferozes de defesa que os põem em guarda à aproximação do homem.

Em 1932, em caçada de espera que fizemos à noite, num bebedouro, fomos surpreendidos por uma manada da qual tivemos que nos defender enérgicamente. Na refrega tombaram seis animais, entre os quais uma fêmea que trazia consigo a cria. Era esta um bicho de dois a três anos, aproximadamente da estatura de um burro.

Ficou durante algum tempo junto da mãe, andando em volta dela, farejando-a com a tromba, inquieto, choroso. Soltava pequenos roncões, que pareciam lamentações, e não se resignava a seguir os restos destrambelhados da manada, que ainda se ouvia muito longe, como trovoadas distantes, fugindo em pânico.

Quando, a distância respeitosa, o focávamos com a lanterna de mato, eriçava as orelhas e grunhia encolerizado, dando largas a uma ferocidade nascente que ameaçava céu e terra.

Procurámos laçá-lo com uma corda e aprisioná-lo vivo. Mas logo que nos aproximámos um pouco mais, soltou um berro tão agressivo, içou a tromba tão ameaçadoramente e desfraldou as orelhas com tanta ira, que achámos mais prudente deixá-lo em paz.

Pouco depois, grunhindo sempre, tomava o caminho da mata e perdia-se no escuro denso da noite, em passo travado, seguindo o rasto dos seus maiores, em cata de mãe adoptiva.

## RINOCERONTES

## CONSIDERAÇÕES GERAIS

O rinoceronte — esse feio bicho, antipático e agressivo, que com o elefante reparte o domínio dos matos — é animal de costumes, sensibilidade e aspecto muito diferentes do simpático paquiderme que apresentamos na primeira parte deste livro.

Não tem o ar bonacheirão e agradável do elefante que tranquilamente vive entre a manada, nem a sua inteligência superior. O seu aspecto é feroz, arreganhado. Dir-se-ia animal constituído para lutar, guerreiro estranho de antigo e bizarro exército de animais bravios.

Ao contrário do elefante, a ferocidade está expressa na sua morfologia. A cabeça armada de cutelos rijos e pontiagudos, o corpo protegido, nalgumas variedades, por placas que fazem lembrar a couraça de cavalo de guerra medieval, a expressão de irritabilidade que o caracteriza, o aspecto reforçado e poderoso do seu corpo maciço — tudo nele é feroz, agreste, combativo e hostil.

Descende, como o elefante, de disformes monstros antediluvianos — e também ele é animal deslocado no nosso tempo. Mas, enquanto o primeiro constitui um tipo sadio e equilibrado, o segundo resulta, certamente, de complexas taras hereditárias, que se foram acumulando, de geração em geração, heranças doentias que fizeram dele um epilético.

Hierárquicamente superior ao leão, entre a fidalguia das selvas, não tem a sua galharda ferocidade nem o seu ar de nobreza. No aspecto e no temperamento, esse instinto animal de destruição e de raiva tem, no rinoceronte, maldade, verdadeiras manifestações de loucura.

É herbívoro e, por consequência, não precisa matar se não para defender-se. E, todavia, a índole de assassino fervilha nele mais forte, mais cruel, mais decidida, do que em qualquer carnívoro. Cremos que é um doente. A sua raivosa inquietação, um todo morfológico de poder, força e destruição, tem realmente o ar de manifestação patológica. Veio ao mundo condenado a suportar as taras de muitas gerações — e inconformado com a sua sorte.

Diz-se que o elefante é o baobá do reino animal. O rinoceronte será o cacto gigante. É, como esse feio e exótico vegetal, disforme, agressivo e antipático.

Nas matas espinhosas, quando os ramos se despem e o sol tortura os seus galhos ressequidos e feros — essas matas onde se sofre e não há nesga de cor viva ou fumo de suavidade que lhe quebre as asperezas — o rinoceronte é bem o animal próprio do cenário, o seu produto natural.

Nem os dois potentes espinhos, agudos como estoques, ameaçadores como alfanjes, lhe faltam.

É, depois do elefante, o maior entre os mamíferos da Terra.

Citam-se cinco espécies diferentes. Cremos, todavia, que só há duas espécies verdadeiramente definidas, em que as outras, apenas diferenciadas por ligeiros caracteres de adaptação a um meio diferente, se filiam.

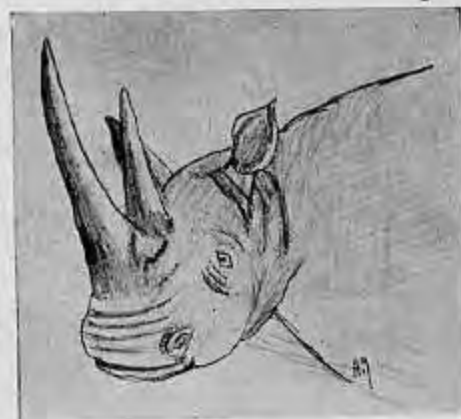
Continuamos, é claro, a falar como caçadores e não como naturalistas.

Estes distinguem: o rinoceronte de Java (*Rhinoceros sondaicus*); o rinoceronte asiático (*Rhinoceros unicornis*); o rinoceronte de Samatra (*Rhinoceros sumatrensis*); o rinoceronte preto (*Rhinoceros bicornis*); finalmente, o rinoceronte branco (*Rhinoceros simus*).

Os três primeiros encontram-se na Ásia; os dois últimos são africanos.

Estas cinco espécies, julgamos nós poderem reduzir-se a duas bem diferenciadas: a primeira que compreende o *sondaicus*, o *sumatrensis* e o *bicornis* — e a segunda que abrange o *unicornis* e o *simus*.

Uma classificação muito rigorosa e pormenorizada levar-nos-ia a aceitar muitas outras espécies, pois cada uma destas que citamos apresenta ainda caracteres diferenciais, embora insignificantes, conforme o *habitat* do animal: nem o *simus* é perfeitamente igual em toda a parte, nem o *bicornis* do Sul de Angola é exactamente igual ao *bicornis* da Somália.



Cabeça de rinoceronte branco  
(*Rhinoceros simus*)

É dos rinocerontes africanos — o preto e o branco, usando da designação por que geralmente são conhecidos — e, em especial, dos que vivem no Sul de Angola, que nos ocuparemos.

O rinocerone preto é animal de um metro e setenta a um metro e oitenta de altura (medida do pé à espádua), bicórnio, de crâneo pequeno e fugitivo, pele cor de ardósia e completamente calva. Apenas nas orelhas e na ponta da cauda se lhe vêem pêlos hirsutos, ralos, esfarripados. Tem o lábio superior saliente e prensível — um rudimento de tromba que lhe dá ao focinho aspecto inquieto e farejador.

Tem duas pontas que, em regra, não excedem sessenta a setenta centímetros, potentes, córneas, aceradas, colocadas

uma atrás da outra, como dois dentes de serra e, em número variável, pequenas excrescências, espécie de verrugas, embotadas, que se distribuem por toda a parte superior da cabeça e no garrote. A ponta mais comprida é, em geral, a da frente. A sua forma é variável, sendo nuns exemplares mais curvada que noutros, o que é de atribuir ao maior ou menor uso que dela fazem os animais. Seriam, naturalmente, direitas, se este bicho epiléptico não as empregasse tanto em arremeter contra todos os obstáculos vivos ou inanimados que se lhe deparam, porque nos pequenos rinocerontes, embora ferozes já, são elas direitas e pontiagudas.

A pele é uma verdadeira couraça — a mais espessa de quantos animais vivem na selva. Na parte superior do corpo parece constituir uma cobertura protectora artificial, como a malha de ferro de um cavalo de guerra medieval. As pernas são curtas e caneladas, como se vergassem ao peso do corpanzil enorme, com quatro metros de comprimento, do focinho à cauda, e mais de duas toneladas de peso.

Encontra-se mais ou menos distribuído por toda a África, da Abissínia e Somália para o Sul, com mais densas manchas de expansão a Leste do que a Oeste.

Em Angola só existe nas pastagens do Sul da província, podendo, nessas regiões, localizadas na carta que acompanha este volume, considerar-se abundante.

O rinoceronte branco (*simus*) pertence a uma raça já bastante rara em África. É o maior e mais corpulento de todos os rinocerontes — um monstro disforme e impressionante, de cabeça descomunal e pontas que chegam a atingir metro e meio. São conhecidas duas espécies: o unicórnio e o bicórnio — aquele mais corpulento e muito mais raro do que este.

Distingue-se do rinoceronte preto, não só pela cor da pele, ligeiramente arruivada, e pela diferença de porte, mas também pelas proporções da cabeça. Chega a medir cinco metros de comprimento do focinho à cauda, ocupando a cabeça quase um terço desse comprimento. É dos animais mais

horríveis da criação — terrível e grotesco ao mesmo tempo. Essa cabeça colossal, que domina, em poder de emoção, as enormes dimensões do corpo, é engenho de guerra de temível aspecto.

Não tem o lábio superior saliente como o rinoceronte preto, mas sim quadrado e regular como o do boi ou



Cabeça de rinoceronte preto (*Rhinoceros bicornis*)

cavalo. Apesar da aparência, é menos feroz do que o outro, menos nervoso, menos inquieto.

As próprias faculdades olfactivas são menos desenvolvidas no *simus* do que no *bicornis*, o que não deve ser estranho à diferença de ferocidade que os caracteriza.

Em Angola só existe — e, todavia, muito raro — o bicórneo branco. Matámos em 1930 um exemplar destes animais, único que vimos em Angola; temos informações sobre a sua existência nas margens do rio Cuito e Cubango, sem que, contudo, os tenhamos visto nessas paragens.

Todos os rinocerontes são herbívoros, mas nem todos fazem a mesma alimentação. Várias diferenças anatómicas do aparelho digestivo — sobretudo na boca e no lábio superior — determinam, para cada espécie, um género de alimentação.

O rinoceronte preto, com o seu lábio superior preensível e uma dentição especial, alimenta-se de folhas e de ramos. O branco pasta no capim, como qualquer boi ou cavalo.

O que se diz acerca da extinção das espécies é mais justo quanto ao rinoceronte de que quanto ao elefante.

Por motivos vários, que nos capítulos seguintes serão enumerados e que avultam sobre a perseguição que o caçador faz ao animal, o número de rinocerontes decresce mais rapidamente, em proporção ao seu povoamento na Terra, do que o número de elefantes. Todavia, em certas regiões menos acessíveis ao homem, haverá, por muitos anos ainda, rinocerontes bastantes para darem que fazer aos mais esforçados caçadores.

Como facilmente se calcula, também não é caça para qualquer atirador, nem animal que se possa tranquilamente acometer de dentro do automóvel.

Pertence, como o elefante e pouquíssimos mais, ao grupo de bichos que só um *caçador* ou um atirador guiado por caçadores podem alcançar. E, mesmo para esses, não é comodo nem fácil, como veremos.

Animal de grande poder, dotado de armas ofensivas e defensivas formidáveis, possuidor de temperamento irritável e destruidor — se não é o mais difícil de caçar, porque realmente não é, está no entanto muito longe de poder ser perseguido e atacado sem risco por quem não conheça muito bem os seus hábitos e a sua maneira de se comportar perante o inimigo.



Rinocerontes africanos



## O GRANDE NEURASTÉNICO

O rinoceronte, em Angola, vive geralmente na profundidade das matas densas, que marginam rios ou lagoas, pântanos ou *mulolas*, isto é, próximo da água.

Mais exigente que o elefante, em matéria de dessedentação, e muito menos caminheiro, procura asilo em lugar que, ao mesmo tempo, seja seguro e não fique distante da água. Os seus deslocamentos fazem-se dentro de área relativamente pouco extensa, podendo dizer-se que só muda de região quando acossado por perigo iminente e repetido, ou nas mudanças de estação, quando secas extraordinárias o obrigam a procurar pastos novos. Como na vizinhança da água os pastos existem sempre mais ou menos, sobretudo perto das lagoas e rios de águas permanentes, estes mesmos deslocamentos são raros.

As matas em que se abrigam são do tipo das matas agressivas em que o elefante procura pousada. São em muitas regiões as mesmas. Mas enquanto este se recolhe nas profundidades sombrias por motivo de segurança e prefere a mata aberta e arejada onde o sol ri e as sombras são cariciosas, o rinoceronte faz delas a sua moradia permanente, sendo muito raro encontrá-lo noutros lugares. E o cenário que lhe convém: brutal, inóspito, agressivo.

O caçador que pretenda encontrá-lo durante o dia tem que resignar-se a rasgar o fato e a lacerar as carnes.

Enquanto o Sol brilha no céu, como se a luz o fizesse sofrer, não só procura essas sombras agrestes, como também passa o tempo a dormir — de pé nas primeiras horas, fazendo lembrar penedo disforme de granito patinado pelo tempo, depois deitado sobre o ventre ou sobre o flanco, como os suínos no montado alentejano à hora entorpecedora do maior calor.

Dorme profundamente, ressonando por vezes com silvos agudos, inteiramente semelhantes, salvas as proporções de intensidade, ao ressonar aflitivo daqueles homens gordos e congestivos que adormecem depois da comida.

Este ruído inconfundível, vibrando na mata silenciosa e apática, é sinal precioso para o caçador que se aproxima cautelosamente. Permite-lhe localizar a cama do animal e escolher o vento mais favorável para o ataque final.

Quando acorda, e sempre que acorda, muda de cama, insatisfeito, grunhidor, resmungão. Desloca-se umas centenas de metros, sonolento, de cabeça baixa, geralmente em sentido retrógrado, instala-se noutra cama tão confortável e escusa como a primeira. É a desconfiança que o leva a estas mudanças constantes, visto que elas se tornam mais frequentes e nervosas no animal ferido ou que foi acossado, ou é a inquietação natural de um ser irascível e permanentemente mal-humorado? Inclinamo-nos para a segunda hipótese. O rinoceronte é animal que nada teme e nada suporta: nem o perigo iminente nem a verticalidade emperdigada dos troncos que lhe barram o caminho.

Qualquer vulto, animado ou inanimado, que o surpreenda, que lhe bula com a atenção, homem ou bicho, morro ou tronco de árvore, seja o que for que lhe transtorne ou pareça transtornar a pesada solidão, são tidos por inimigos a quem ataca prontamente. De cauda alçada, cabeça baixa, as duas enormes pontas em riste, ameaçadoras e temíveis, arranca com fúria nervosa de alucinado, às cegas, doidamente, sem inteligência nem tino — apenas

com a violência e a brutalidade de ódios vesgos e patológicos.

Ao cair da tarde, quando já há trevas diluídas na luz do dia, levanta-se, ainda trôpego e sonolento. Para fazer horas vai pastando na mata, lentamente, os rebentos das árvores, folhas e arbustos ou, se se trata do rinoceronte branco, o capim macio das clareiras. Parece comer sem prazer. Lança a beíçola saliente e preensível ao ramo que lhe apetece, puxa-o com um movimento sacudido e brusco e mastiga-o desenfasiadamente. Nesta marcha pesada e lenta, cortada de vez em quando por paragens raivosas e atentas, vai-se aproximando dos descampados que circundam os rios, lagoas ou charcos, onde só chega quando a noite tombou de vez.

Aproxima-se da água, sem pressa, e bebe demoradamente a grandes e ruidosos goles. Depois de copiosamente abastecido estatela-se com volúpia no lodaçal, revolvendo-se como porco no chiqueiro. É esta operação a mais importante da sua higiene física. Como o elefante, encontra nela remédio contra os parasitas, aos quais a lama desagrega, e revestimento de lodo que, depois de seco, o protege, durante o dia, contra a picada dos insectos.

Depois deste banho que, em regra, é demorado e lhe sabe bem, ainda como o elefante, procura pedra, tronco de árvore ou arbusto para neles se esfregar e desfazer-se de mais alguns parasitas teimosos que, soltos pela humidade facilmente cairão.

O rinoceronte é de todos os paquidermes o que tem a pele mais espessa e impenetrável. Na sua couraça, todavia, procura pasto e moradia uma quantidade enorme de parasitas que os *pica-bois* não conseguem, só por si, exterminar. Tem que recorrer, por consequência, acessoriamente, a esta operação higiénica, sem a qual o enorme corpanzil seria devorado pelos pequeníssimos piolhos e carraças que o assaltam. E estes parece não terem outra distribuição nem melhor presa, pois a carraça que se encontra no rino-

ceronte é uma espécie de piolho completamente diferente da que invade os outros grandes brutos.

De todos os animais corpulentos é o rinoceronte, sem dúvida, quem mais beneficia dos serviços dessas pequenas e lindas aves, que se alimentam de parasitas e que percorrem, sem temor, alegres e vivas, todas as partes do corpo do bicha onde as carraças se alojam — os *pica-bois*.

Os indígenas conhecem-na pelo nome de *Tchiluanda* e é a mesma a que os caçadores sul-africanos chamam *Ronoster Fuol*.

A *Tchiluanda* é o único ser vivo que o rinoceronte consente e a quem não quer mal. Dir-se-ia até que sente por ela uma espécie de grata ternura, ao senti-la saltitar no lombo ou trepar-lhe pelas pernas, picando aqui e acolá, afanosamente, em ar de alegre trabalhadeira.

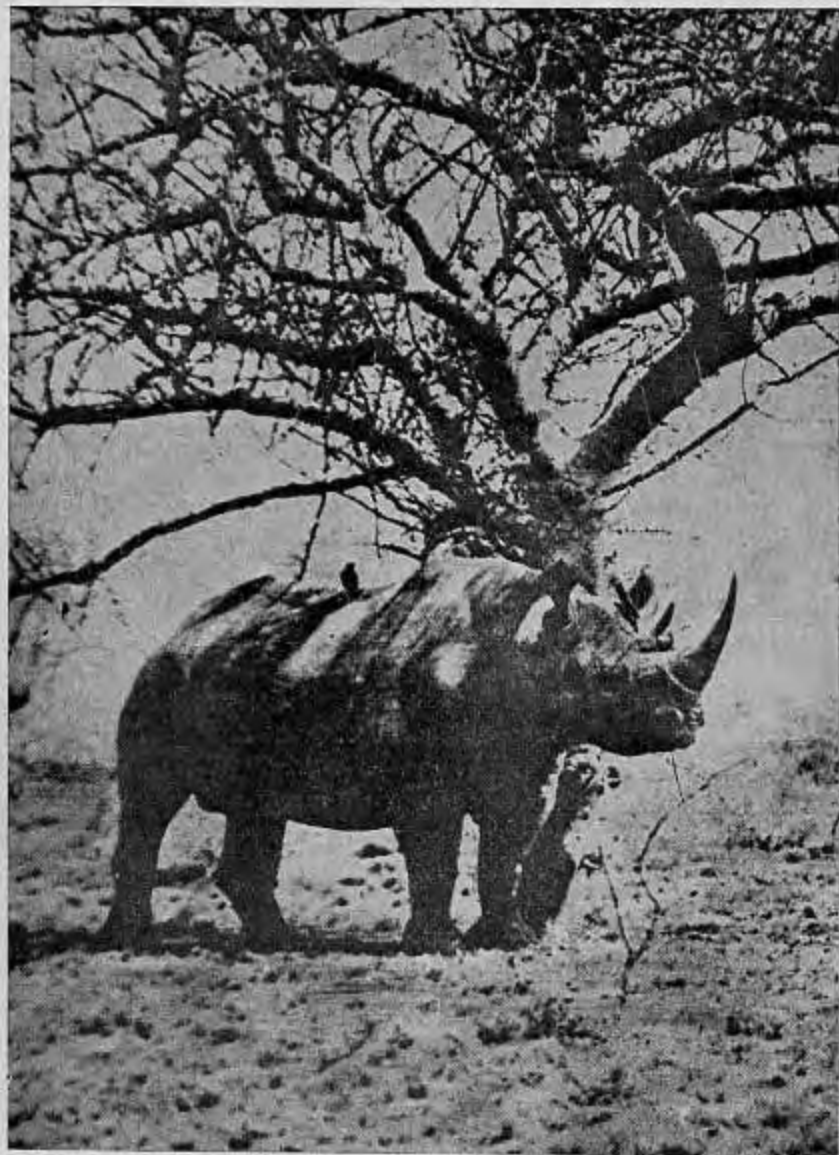
Na sociedade destes animais — um enorme, grosseiro, antipático e brutal, o outro gracioso, elegante, pequeno e azougado — há contrastes impressionantes e pitorescos.

Mas a *Tchiluanda* não é para o rinoceronte apenas enfermeira desvelada. É também sentinela atenta que vela pela sua tranquilidade e segurança, com dedicação inexcedível.

Enquanto o bruto dorme no seu sono inquieto e amargurado, está de atalaia a pequenina *Tchiluanda*, que não deixa de o prevenir ao menor sinal de perigo — quer esse perigo resulte da aproximação do homem ou da proximidade de qualquer grande carnívoro.

E a sua linguagem nervosa e aflitiva, insistente, parecendo conter notas de angústia, é bem um sinal de prevenção, ou aviso, que o rinoceronte compreende imediatamente. É frequente e normal a *Tchiluanda* abandonar o corpo do gigante, piando, mesmo que nenhum perigo ameace o animal. Mas a sua linguagem é outra, exprime outros sentimentos, outras ideias talvez, porque também o rinoceronte lhe não liga a menor importância.

Há uns *pios* especiais, chilreada aflitiva, para os momentos de perigo. E eles lá se entendem, protectora



Rinoceronte com a *Tchiluanda* no dorso

e protegido, como seres da mesma raça e da mesma língua.

É o rinoceronte, que nem sequer acorda quando a avezita nos seus vaivéns enche o ar de alegres silvos, logo desperta e se levanta, como se uma mola o movesse, quando a linda sentinela lhe grita o seu alerta especial. Se não está nos seus piores dias, isto é, se não lhe andam correndo nos nervos os seus furores habituais, põe-se rapidamente em fuga, não cuidando de ver nem de saber de onde lhe vem o perigo. Se acorda enraivecido, com neurastenia aguçada e a fúria pronta, escuta, fareja, move-se em várias direcções, em cata do inimigo, e acaba por arremeter na direcção em que supõe encontrá-lo, com a energia e a feroz brutalidade que lhe são próprias.

O ataque faz-se ouvir a distância: galope forte e vertiginoso, como o de um bom cavalo, matraqueando vigorosamente no solo e acompanhando por sopro rijo e vibrante cada vez que o salto assenta no terreno.

É a *Tchiluanda*, angustiada, segue-o de longe, esvoaçando obediente, dedicada, terna como certas mulheres frágeis que se prendem e dedicam a homens brutais.

Por isso a *Tchiluanda* é o único affecto, a única ternura do rinoceronte—esse animal que parece a própria negação de todos os sentimentos doces.

Depois de ter bebido e de ter tomado o seu banho de lama, bem friccionado de encontro a uma pedra ou a um tronco rugoso, afasta-se vagarosamente e começa a grande refeição diária. Vagueia assim toda a noite, passando aqui e acolá, em marcha incerta e monótona, sem fito determinado. Com os primeiros alvares do dia, na hora cinzenta e gelada que antecede o nascer do Sol, orienta então os seus passos para a mata em que vai dormir o primeiro sono. Não lhe importa que essa mata seja ou não densa. Compreende que a hora é calma e segura, sente-se fatigado pela vagabundagem da noite e deita-se sem grandes exigências. Só quando o Sol de todo se descobre e o inunda de luz, se dirige então para a

mata agreste e profunda, que é o cenário próprio da sua neurastenia.

A sua marcha é então mais firme e decidida, nitidamente orientada na direcção que lhe convém. São dez ou vinte quilómetros percorridos em passo estugado, como se fugisse do sol, da luz. Alcançada a lonjura cinzenta onde se quer acoitar, escolhe a moita ou arbusto mais sombrios como pouso de predilecção.

Durante todo este tempo não teve um trote folgazão, um movimento de alegria física, uma atitude que revelasse a satisfação de viver. Tudo, na sua actividade mórbida, foi soturno, pesado, triste.

Até nessas primeiras horas da madrugada africana, quando os galos entoam ao longe, nas *savzalas* recolhidas, cânticos de glória, quando as aves se desprendem dos ramos como frutos caindo no espaço, ao saudar o dia, quando a paisagem se desembuça dos seus negros gabões nocturnos, quando a gazela salta em movimentos de ginástica matinal — até nessas horas, cantantes e vivas, ele se deita e dorme, como se propositadamente quisesse cerrar os olhos à vida que renasce.

O rinoceronte é, de facto, o maior neurasténico da criação — maior pelo volume do arcaboço e pela intensidade do mal. Neurastenia hereditária, biológica, que já lhe vem das entranhas maternas, nos nervos, no sangue, em toda a sua brutal substância.

## III

## A VIDA TRISTE DOS RINOCERONTES

Assim como o elefante é tipicamente animal sociável, o rinoceronte é tipicamente, animal insociável. Detesta, não só as multidões mas até os pequenos grupos. Não tem amigos nem companheiros. Parece mesmo, por vezes, ser tão inimigo dos seus semelhantes como de qualquer outro bicho — quase como o homem perante os outros homens.

A solidão é o estado que convém à sua azeda neurastenia.

Por isso, não só não procura o contacto com os semelhantes, como o evita.

Os pequeníssimos grupos que às vezes formam os rinocerontes são sempre transitórios: mãe e um ou dois filhos pequenos de idade diferente — grupo que se dissolve quando os filhos alcançam os meios físicos de acudir à sua alimentação e defesa; mãe, filho ou filhos e macho adulto — grupo que este logo abandona passado o período do cio; finalmente, macho e fêmea — grupo que o mandato imperativo da propagação da espécie constitui, e que nenhum outro sentimento de afeição ou solidariedade une na vida.

Fora desta regra geral, como excepção, temos observado o acasalamento do macho e fêmea por mais longo tempo do que as necessidades de propagação exigem. Parece haver então certa amizade — nem sempre calma e pacífica — entre os cônjuges.

A maneira como se comportam nas relações entre si tem a versatilidade própria dos seres inquietos e instáveis, neurasténicos e misantropos. Tão depressa se irritam e questionam como passam a viver em paz e harmonia. Zangam-se sem qualquer motivo, simplesmente porque um ataque de furor lhes percorreu os nervos — recompõem-se sem ter decidido uma luta. Dir-se-ia fantasia, capricho, sem causas concretas, ao sabor de ímpetos momentâneos.

Entre os homens estas acções explicam-se, na sabedoria popular, dizendo-se: «Deu-lhe para ali!» Com os rinocerontes sucede o mesmo: brigam, batem-se, resmungam... porque lhes dá para ali. Os seus actos de dissídio, como as relações de paz, são do domínio do inconsciente, puras determinações de destrambelhada patologia nervosa.

Não são apenas os machos que lutam entre si, ou só as fêmeas que se agridem umas às outras. Também o macho investe com as fêmeas e também estas — o que é tão raro entre os bichos como entre os homens — se lançam sobre os machos... quando lhes dá para ali.

Os sentimentos de solidariedade nestes pequenos grupos transitórios são rudimentares — sentimentos esboçados, por assim dizer, ou então apenas caprichos efêmeros que têm o aspecto formal de sentimentos em acção.

O macho é, todavia, mais constante que a fêmea. Enquanto esta parece indiferente e alheia à morte ou ao perigo que o macho corre, este não deixa de procurar a fêmea, às vezes durante dias, no lugar em que o caçador a abateu. E a busca é realizada num estado de espírito muito pouco convidativo para quem quer que o encontre na sua faina: a sua irritação é enorme, grunhe, ronca, urra, vocifera.

E é curioso notar, como simpática característica em abono deste sexo fortíssimo, que o animal em circunstâncias tais se preocupa muito mais com a sorte da companheira do que com o inimigo que o ameaça.



Rinoceronte abatido em 1934 no Sul de Angola



Cabeça do rinoceronte da gravura anterior

Suponhamos o casal adormecido ou ripançado nas suas matas torturadas. Em geral repousam afastados um do outro, como se não quisessem exagerar a intimidade em que vivem. A fêmea é atacada. Logo que se dá a detonação o macho aparece — e sempre com maior cuidado em procurar a fêmea do que em encontrar o caçador. Por isso mesmo é fácil abatê-lo também, se o ataque à fêmea surtir o efeito desejado.

Pode acontecer que, desnordeado pelas balas e as detonações, que depois se voltam contra ele próprio, o macho abandone o campo. Mas, quando tal sucede, volta sempre em cata da companheira, ao lugar em que a perdeu, mesmo que tenha sido ferido.

E na sua cólera palpita, não só a ira furibunda do bruto, mas, também, o desespero doloroso do viúvo.

E nisto consiste toda a bagagem sentimental do rinoceronte macho.

A fêmea comporta-se muito diferentemente.

Quando o macho é atacado, aquela atacará por indole de agressora, mas sem o menor propósito de prestar auxílio. Arranca na direcção onde supõe estar o inimigo, estúpidamente, e não se preocupa mais com o macho, pouco lhe importando a sorte que tenha corrido. E não torna a voltar ao lugar do combate enquanto nela persistir a lembrança da agressão.

O amor maternal da fêmea também não a leva a grandes extremos. Por cada gestação tem uma cria que logo acompanha a mãe. Esta limita-se a dar-lhe de mamar e a consentir, de mau modo, nas bisonhas traquinices do pequeno. Se o filho corre perigo defende-o corajosamente, mas toda a sua coragem e furor explodem no primeiro ímpeto brutal e nele se consomem. Passada a fúria desaparece, não se lembrando mais de que abandonou o filho, por cujo destino deixou de se interessar.

Os pretos atribuem — e com razão — a escassez de rinocerontes, em relação ao número das outras espécies bravias, a esta falta quase abosoluta de solidaaiedade e de

afecto entre eles. Não são de facto os caçadores quem mais contribuí para a sua extinção — são eles próprios, parecendo trazer na sua biologia e nos seus costumes uma condenação a que não pretendem furtar-se.

Também os pequenos seguem o exemplo dos pais. Logo em tenra idade se manifestam antipáticos e irritáveis, desagraciosos e bisonhos. Nem sequer retouçam com a alegria própria de todos os animais enquanto se criam — essa alegria física e material que é a Vida e o remanescente de todas as suas energias em acção. Até as traquinices a que se entregam são nervosas e sacudidas, deixando-nos na dúvida de se tratar de folguedos de adolescentes ou de brutalidade de epiléticos.

Se a mãe é atacada o pequeno defende-a enérgicamente, mas com a mesma fúria estúpida, a mesma desaustinada correria e a mesma falta de persistência que a mãe usa para o defender a ele: uma corrida decidida e feroz sobre o inimigo — e depois, desnortado, o abandono do lugar e do combate em completa indiferença pela vida da mãe.

Apesar de se tratar de animal de tenra idade, esta arremetida não é tão pouco perigosa como pode supor-se. Já tem custado a vida a alguns caçadores que, iludidos pela menor corpulência do animal, julgam fácil a tarefa de o capturar, depois de abatida a mãe.

Este pequeno bruto é, desde que nasce, um grande bruto.

Os combates dos rinocerontes entre si — combates tanto mais frequentes quanto mais numerosos são os encontros — sem distinção de sexos — são, como se pode supor, formidáveis.

Depois do elefante, o único animal capaz de suportar o embate de um rinoceronte... é outro rinoceronte.

Por isso mesmo, isto é, porque a resistência defensiva se equilibra com o poder ofensivo, não são mortais estas lutas, a maior parte das vezes. Ao poder dos estoques em riste, aguçados e tremendos, responde a espessura da

couraça que só na parte inferior do pescoço, da axila e na virilha consente maior permeabilidade ao ataque.

Todavia, a fúria com que se acometem é endemoninhada e são prolongados os seus combates. Investem com rapidez fulminante, inacreditável em animal de tão reforçada morfologia e tão maciço arcaboço. O barulho que fazem é infernal: estrepitosas detonações de ramos estilhaçados, grunhidos odientos, urros vibrantes, silvos coléricos, sopros de explosão — tudo se mistura em massa confusa de sons guerreiros.

Quando se encontram, o choque brutal das duas enormes massas ressoa como desmoronamento. Só animal de tal poder resistiria à violência se semelhante encontrão. A terra voa em volta dos combatentes, em nuvens densas de tempestade, e o solo estremece como se algum sismo o abalasse.

É espectáculo de violência, de ódio, de fúria indescritíveis. É impossível imaginar, em dois corpos vivos, seja qual for a sua grandeza, tamanha capacidade de violência e raiva.

Até os seus olhos, envesgados, fuzilam no fundo de órbitas voluntariosas e rijas!

Para protegerem a parte inferior do pescoço, mais vulnerável, e também porque a disposição das armas ofensivas assim o exige, a luta trava-se de cabeça baixa, em esgrima brutal de estoques córneos que soam como cacetes em desordem. Uma vez procuram trespassar-se com estocadas lançadas de baixo para cima e indomável energia, outras vezes tentam morder-se com dentadas furiosas que lhes esfrangalham as orelhas.

E a luta prolonga-se, às vezes, durante horas. Só se afastam para se acometerem de novo, para encontrarem na velocidade da corrida outro elemento acessório de poder e violência, que aumente a força viva do ataque.

É o esgotamento que põe termo ao combate se ferida grave e mortal o não resolve antes. O primeiro caso é mais frequente: ao cabo de algumas horas de luta nem o



sangue corre e tudo se resume a rasgões nas orelhas, mais ou menos largos: a couraça cumpriu galhardamente o seu dever. No segundo caso, muito raro, o vencedor não se contenta com a queda do vencido: acaba com ele, rasgando-lhe em maior extensão a ferida inicial, ou estripando-o.

Estes combates não são especialmente determinados pelo cio, pela luta pelas subsistências, pela disputa de um lugar ou de um interesse, como sucede entre os homens e entre outros bichos. São, como os combates de galos, determinados geralmente pelo simples encontro dos contendores — porque o remanescente de ódios e fúrias doentias deste estranho animal assim o exige. Um rinoceronte é sempre inimigo de outro rinoceronte, como o é de qualquer ser vivo que lhe perturbe a mórbida solidão ou de qualquer ser inanimado que lhe bula com os sentidos.

O temperamento guerreiro do rinoceronte é maravilhosamente servido por assombrosa vitalidade.

Quer na luta contra os seus semelhantes — a mais frequente e banal de quantas trava — quer nos duelos com o caçador, a sua resistência aos golpes e às balas é faculdade impressionante.

Diz-se que não há rinoceronte que caia ao primeiro tiro.

A negativa, posta assim absolutamente, é exagerada.

Evidentemente, pode e tem acontecido matarem-se rinocerontes com um tiro apenas. A bala que o atingir no cérebro, ou na medula, não precisa de companhia para imobilizar e abater o bruto.

Todavia, a verdade incontestável é que são muito raros os casos de rinocerontes mortos ao primeiro tiro.

Sendo o cérebro e a medula muito difíceis de alcançar, o primeiro por estar naturalmente protegido pelo armamento do animal, a segunda por falta de pontos de referência que permitam fazer pontarias precisas, o rinoceronte é, a maior parte das vezes, atacado em pontos do corpo onde uma ou duas balas apenas não são bastantes para o derrubar, por mais potente que seja a espingarda.

Atingido em órgãos essenciais como o coração, o fígado e pulmões, ataca ainda furiosamente e, pode dizer-se, só cai quando o último sopro de vida se desprende do seu arcaboço ciclópico. São o furor e a raiva quem o suporta e aguenta até o último alento, mantendo em acção de combate a fisiologia já desmantelada por estragos mortais.

Só a repetição de projecteis — pode estabelecer-se como regra geral — abaterá o rinoceronte antes que este tenha tempo de alcançar o caçador.

É frequente dizer-se que «não há rinocerontes feridos». O animal, uma vez atingido no corpo, vem a morrer, mais tarde ou mais cedo, sem poder curar-se dos ferimentos que recebeu, ao contrário do que sucede com tantas outras espécies bravias. Isto resulta de se ter como certo, aliás com razão, que um ferimento no corpo do rinoceronte só muito raramente pode deixar de lhe alcançar o fígado e determinar, por consequência, a morte do animal.

O fígado deste monstro é realmente monstruoso também. Abrange quase todo o comprimento interno da fera, em três porções volumosas e maciças, que parecem remendos umas das outras. Se é verdade, como diz o vulgo, que no fígado residem causas de irritabilidade e ruidades de génio, não admira que com tamanha fábrica de bilis tenha o rinoceronte os maus ímpetos que tem.

Todavia a morte do rinoceronte não é instantânea, nem mesmo rápida, apesar de atingido em tão importantes órgãos. E este facto torna-o extremamente perigoso, visto que só a morte, e não os ferimentos, por mais graves que sejam, é capaz de estacar nele as fúrias assassinas.

Ferido, a sua raiva aumenta, naturalmente. É a ânsia de matar e destruir absorve-o tão completamente que chega a exaurir os últimos alentos de encontro a morros ou troncos de árvores, à falta de melhores inimigos sobre quem se vingue.

Estes ataques fazem-se em corrida fulminante, ruidosa, acompanhada por urros e silvos, *cilindrando* a mata, onde

largas estradas ficam construídas, com os olhos a lampear de furor, a cabeça baixa e as armas em riste.

Se consegue apanhar o inimigo — e são numerosos os exemplos que confirmam a hipótese — trespassa-o com estocada irresistível, lançando-o ao ar, e esmaga-o depois sob as patas, como o elefante, até o deixar reduzido a *pomada*. Ninguém reconheceria formas humanas nos restos mortais do homem morto por rinoceronte.

Embora possuindo olfacto de grande sensibilidade, de que se serve sempre que pressente perigo, o ouvido é, sem dúvida, o sentido que o rinoceronte tem mais apurado.

A vista é o seu sentido inferior. Na própria expressão do seu olhar há maldade, tristeza, uma dolorosa melancolia, mas falta aquele brilho vivo e inteligente que luz na pupila do elefante. É olhar estúpido e mau — parado e inerte, quando se sente à vontade; cintilante de cóleras doentias, quando o furor o acomete.

Há quem negue a excelência do olfacto do rinoceronte.

A negativa não resiste à observação do uso que o animal dele faz.

Se é realmente o ouvido o sentido que mais sensivelmente o previne da aproximação de qualquer perigo — o seu órgão de sentinela por excelência — não é menos verdade que, uma vez alerta, é do olfacto que se serve para procurar o inimigo ou evitar a perseguição.

Como o elefante, também o rinoceronte procura servir o olfacto com a melhor direcção do vento, isto é, marchando com este, para mais facilmente receber a distância quaisquer impressões olfactivas. Menos inteligente, todavia, que o rei dos animais, não usa dos processos de que este se serve para determinar a direcção do vento. Limita-se a andar à roda, em manobras inquietas e grotescas, até surpreender o lado de onde o vento sopra, para nesse sentido se lançar.

E é incontestável que, em tais condições, pressente o inimigo, sobretudo se se trata do homem, a distâncias consideráveis.

Uma vez prevenido pelo ouvido, levanta a cabeça em gesto sacudido e brusco, fareja, interroga — e é ao vento que vai pedir auxílio para juízo do olfacto. Estando acordado, o mais leve ruído, a distâncias enormes, é prontamente captado e julgado. O hábito de se servir deste sentido educou o superiormente e permite-lhe distinguir, com segurança, o ruído perigoso do inofensivo.

A *Tchiluanda*, a linda avezita a que já nos referimos, valoriza ainda o poder auditivo do rinoceronte com os seus pios de prevenção, levando a sua dedicação e inteligência a indicar-lhe também o melhor caminho para a fuga.

Todavia esta, por indicação da *Tchiluanda*, ou por iniciativa do animal, faz-se sempre com o vento — na direcção em que o olfacto melhor o pode servir.

Afirma-se que o rinoceronte ataca sempre o caçador.

Tem a sua razão de ser esta ideia. O facto de encaminhar a sua galopada vertiginosa sempre na direcção do caçador assim o leva a crer.

Será, todavia, em todos os casos, com o propósito de fazer o ataque que o rinoceronte se lança sobre o caçador?

Estamos convencidos de que não. A carga do rinoceronte é muitas vezes simples fuga. E não se deve dizer que, em tais circunstâncias, o animal carrega o caçador, mas sim *que foge na direcção em que ele se encontra* o que é diferente.

E o caso explica-se do modo seguinte: o caçador que procura o rinoceronte, porque isso é elementar em técnica de caça, segue contra a direcção do vento, para evitar ser denunciado pelo olfacto do animal. Este, quando, desprevenido, se quer pôr em fuga, procura, por sua vez, a direcção que mais convém ao uso de todos os sentidos

— com o vento. Quer dizer: um procurando e outro esquivando-se, tendem a encontrar-se.

Não será, pois, verdadeira fuga a corrida que tantas vezes parece um ataque furioso?

Estamos convencidos de que o rinoceronte não deixará de atacar sempre que vir o inimigo, ou o puder localizar, com o auxílio do ouvido ou do olfacto, no ponto em que ele se encontra.

Mas, sucedendo, na maior parte dos casos, que o inimigo se oculta e procura as direcções de marcha onde maiores probabilidades tem de não ser pressentido, acontece que o rinoceronte é prevenido sem que imediatamente saiba com precisão de que lado lhe vem o perigo. E então, sem alvo certo sobre o qual possa lançar os seus furores, cuida de pôr-se a salvo de um risco, tanto mais enervante quanto é certo que lhe ignora a proveniência.

E daí o seu rodar inquieto, perscrutador, e a decisão com que se lança na direcção do vento.

Caçador e animal vêm a encontrar-se — mas o Acaso representa nesse encontro papel bem mais importante que os propósitos de ataque da fera.

O que praticamente se torna necessário fixar é isto: quando se ataca o rinoceronte, ou porque o animal foge nas condições que referimos, ou porque carrega, tem que se contar com ele.

Em qualquer caso não é adversário cómodo para quem não tenha a experiência necessária, embora não se possa dizer que a sua caça seja, para o caçador experimentado, tanto ou mais perigosa que a do elefante.

O rinoceronte também tem numerosos inimigos. Para ele, como para o elefante, o grande inimigo é o homem.

Há quem afirme que o elefante e o rinoceronte se agrirem quando se encontram.

O único exemplo que conhecemos, e que citámos, leva-nos a crer que, pelo contrário, como regra geral, se

evitam. Todavia, se realmente chegam a vias de facto, o agressor deve ser o rinoceronte e o vencedor deve ser o elefante.

Depois do que dissemos é natural supor que o encontro entre um elefante solitário e um rinoceronte — esses dois neurasténicos tremendos — determine luta e que essa luta seja espectáculo magnífico e inolvidável. O caso, porém, só excepcionalmente terá lugar. Normalmente, estamos convencidos de que estas feras se evitam.

Outros inimigos que se atribuem ao rinoceronte são os *mabecos* (cães selvagens) e as hienas. Apesar da ferocidade e voracidade destes animais, temíveis quando se dispõem a atacar em matilha densa e aguerrida, não acreditamos que se atrevam a acometer o rinoceronte, não só pelas baixas que a luta lhes causaria, como também por causa da espessura da couraça que o protege.

Praticamente o homem é o seu único inimigo respeitável — e, entre os homens, o caçador branco.

E não o ignora o animal, apesar da sua estupidez, pois nunca a sua raiva e furor são tão grandes como quando pressente o homem, ou com ele se tem de haver.

Usa mesmo contra o homem, não só da violência natural e doentia, como também de processos que são ardilosos e devem marcar o limite da sua inteligência de combatente.

Não é raro o caso de rinoceronte ferido que, perdendo o caçador de vista, se lança em fuga vertiginosa. Se o caçador o persegue, como é natural, e a fera pressente a perseguição — o que também é natural, dada a direcção em que foge — quando se sente exausta e incapaz de prosseguir na carreira, espera o caçador.

Troca a corrida por marcha lenta e resfolegante e, de repente, retrocede duas a três dezenas de metros, obliquamente, de forma a fechar um ângulo agudo entre a direcção que trazia e a nova direcção que toma. E aí, emboscada, espera a passagem do caçador que lhe vem no rasto, para o acometer mal o topa. Se este, o que só por inex-

periência sucede, não vem precavido, poucas ou nenhuma probabilidade tem de se salvar.

São muito mais raros os indígenas que se entregam à caça do rinoceronte que os que procuram o elefante. O primeiro, embora menos difícil de abater, dada a estupidez com que ataca e o seu hábito de dormir profundamente, o que permite muitas vezes matá-lo na própria cama, exerce sobre os indígenas acção desmoralizante que o elefante não exerce em tão alto grau. A expressão e a violência do rinoceronte, a intensidade do seu furor, o arrebatamento das suas cargas, os urros variados de cólera que solta e o galope ameaçador com que bate o solo provocam mais profundamente o pavor do que a carga do elefante — que, além disso, a maior parte das vezes, procura fugir do inimigo.

Em compensação o rinoceronte não produz nas lavras e nas vidas dos indígenas os estragos que os elefantes lhes causam. Mais retirados e sombrios de carácter, menos gulosos dos produtos das lavras e muito menos caminheiros que os elefantes, vivem a maiores distâncias das *sanzalas* e procuram caminhos mais escusos e limitados para triilhar.

Há exemplos de assaltos às lavras, mas são raros e não passam, em geral, de furiosas correrias.

Não têm, por consequência, inimigos numerosos: apenas o caçador... e os próprios semelhantes. Ele é que é, fundamentalmente, inimigo de toda a criação, adversário de todos os seres que vivem e se agitam, inimigo talvez de si próprio, da Vida.

Apenas a linda *Tchiluanda*, a avezinha alegre e piedosa que lhe cata os parasitas, parece, senão apreciada, pelo menos tolerada. É, talvez, a sua única afeição.

Há todavia ainda outros seres vivos que o servem: são certos vermes avantajados e felpudos que se encontram no estômago dos rinocerontes e que os ajudam a macerar e digerir os ramos mais fortes e as raízes que ingere.

Mas esses ignora os ele.



Rinoceronte branco (*Rhinoceros Simus*)



NOTAS SOBRE A CAÇA  
AOS  
E L E F A N T E S  
E  
R I N O C E R O N T E S

## O CAÇADOR

Não é o heroísmo nem a desmedida bravura que podem fazer do homem caçador de grandes paquidermes.

Estando, por enquanto, o elefante e o rinoceronte fora das possibilidades de qualquer atirador comodista, e tratando-se de animais perante os quais a bravura e o heroísmo dos homens, simplesmente, não resistiriam ao embate de uma tromba nem ao golpe de um alfanje de rinoceronte, estes bichos são dos raros que só caçadores, podem abater.

As facilidades extremas alcançadas nos últimos anos, sobretudo em matéria de transportes, têm feito perder à caça em África o melhor do seu antigo interesse. Desde que um automóvel se pode lançar nas grandes planícies africanas, atrás de manadas de zebras, gnus, búfalos, e pô-los, pela surpresa ou pela fadiga, à mercê de quantas espingardas se quiserem disparar de dentro do veículo, a dificuldade desapareceu, o risco reduziu-se infinitamente, o interesse de caçar empalideceu.

Podem mesmo dizer-se que a acção de caçar se transformou apenas em acção de matar.

O elefante e o rinoceronte gozam ainda do privilégio de não poderem ser mortos tranquilamente, de dentro dos automóveis. Quem quiser matá-los tem de caçá-los. Para os caçar é necessário, como diria o clássico La Palice, ser caçador.

Ora o caçador não precisa ser herói nem mesmo homem excepcionalmente bravo. Basta que possua a coragem serena e reflectida que, perante perigo iminente, sabe dominar os nervos e agir com desembaraço.

É certo que a literatura venatória tem recolhido as narrativas mais extraordinárias, e dessas narrativas ficou a impressão estranha que levou uns a admirar os heróis que *modestamente* as relatam e viveram, e que levou outros a descrever, por princípio, das histórias de caçadores.

A verdade, porém, é que a caça ao elefante e ao rinoceronte dispensa muito bem a fibra e a alma de Bayard, a louca bravura de D. Quixote ou o heróico romantismo dos cavaleiros medievais. Contenta-se em exigir que o caçador seja homem de nervos calmos, capaz de conciliar a coragem serena com a prudência inteligente, atirador de média categoria pelo menos, conhecedor profundo da vida e costumes dos animais e, sobretudo, sadio, resistente, ágil e enérgico.

Estas, que são as qualidades essenciais, necessárias e indispensáveis a quem desejar entregar-se, por desporto ou profissão, à caça de elefantes ou rinocerontes — são, afinal, as qualidades do verdadeiro homem do mato.

O excesso de coragem sem prudência conduz, a maior parte das vezes, possivelmente de mistura com lances teatrais, o caçador à situação humilhante de ser caçado. Os exemplos são numerosos.

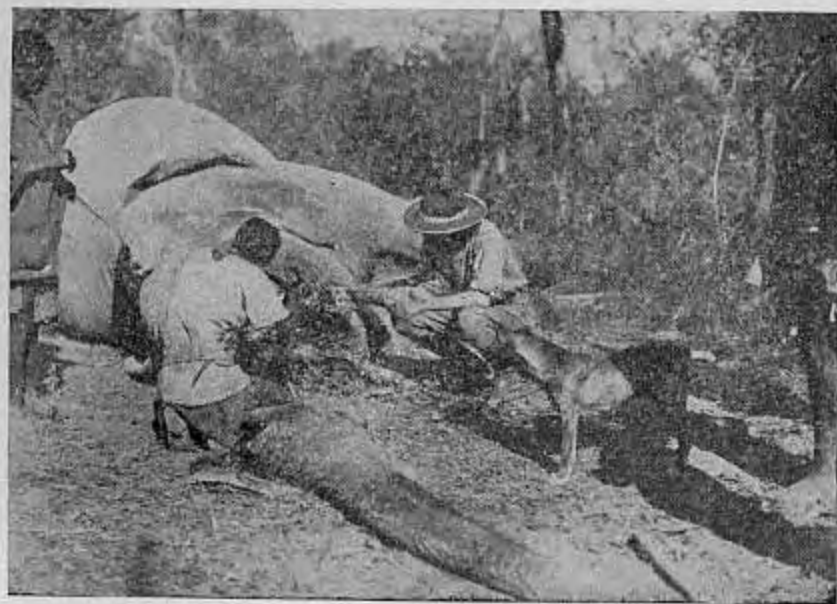
A prudência que no momento preciso não dá lugar à decisão e à coragem de agir, além de juntar perigo novo aos perigos próprios da acção, transforma o candidato a matador de elefantes, na melhor das hipóteses, em caçador de perdizes.

Os nervos sem calma — a chamada falta de sangue-frio — entregam o caçador ao inimigo com armas e bagagens, ou estafam-no em fugas inoportunas e intermináveis.

A debilidade física, a tendência enfermiça, a falta de energia, de agilidade e de resistência só não são defeitos



Procurando o rasto na estrada de automóveis paralela ao Cunene, entre Capelongo e Mulondo



Trabalhos de dentista

perigosos porque com eles não chegará o candidato a ver sequer elefantes ou rinocerontes.

Finalmente, sem o conhecimento da vida e dos costumes dos animais, além de consideravelmente aumentados os riscos para o caçador, é natural que este percorra, com a sua bela audácia, a sua magnífica resistência e as suas ótimas armas, muitas dezenas de léguas, sem topar os animais que procura. E se o acaso lhos põe defronte, não é de espantar que, depois de tanta lida... os elefantes ou o rinoceronte façam uma boa caçada ao homem.

A acção de caçar não é, pois, acção reservada a homens excepcionais. Por toda a parte se encontram diariamente dezenas de homens que possuem as qualidades necessárias aos bons caçadores de elefantes ou rinocerontes e, de uma maneira geral, aos bons caçadores de feras.

Do maior ou menor equilibrio entre as qualidades que citamos resulta a melhor ou pior condição do homem para se entregar à caça. E, se nem todas estas qualidades têm a mesma importância e o mesmo valor, todas elas são, no entanto, indispensáveis.

Compreende-se facilmente porque é necessário ter coragem e sangue-frio e porque é indispensável conhecer a vida e os costumes dos animais que se procuram. Não vale a pena alongarmo-nos em considerações a tal respeito.

Falemos antes na fórmula *Mens sana in corpore sano*, que também é indispensável ter em consideração e que realiza, quanto a nós, o mais importante conjunto de qualidades necessárias ao grande caçador.

A vida no mato africano, em regiões por onde se passeia o elefante e onde a loucura do rinoceronte se recolhe, é vida dura, brutal, erçada de dificuldades e espinhos. O homem de boa condição física, que de si próprio pode extrair os elementos de defesa, de luta, e triunfo contra o meio hostil, encontra nele seduções estranhas, encantos profundos, volúpias absorventes. O orgulho de dominar e dominar-se, a consciência perfeita de não podermos contar senão connosco, com as nossas energias



e a nossa alma, com o nosso esforço e a nossa vontade, para resistir, viver e vencer, realiza uma condição de felicidade humana que se fixa para sempre na substância sentimental do homem.

Boa condição física, boa condição moral — e não é difícil ao caçador encontrar na selva o Paraíso do homem.

Em contrapartida, o mato, em geral, não perdoa ao homem débil, doentio, falho de energias físicas e pobre em recursos morais. Vence-o, destrói-o, como a chama destrói uma folha de papel.

E para esses tudo será amargura, dor, sofrimento.

O físico tem um grande inimigo: a distância.

O moral tem outro: o isolamento.

Contra a distância, que obriga a caminhar em todo o terreno, quer através do pântano angustioso, quer na mata inerte e agressiva, umas vezes na planície monótona, outras vezes nas ribas ásperas da montanha, sob sol escaldante ou debaixo de chuva copiosa, inteiriçados pelo frio das noites e das madrugadas, ou derreados pelo calor do dia — é necessário despender resistência sólida e vontade firme.

Contra o isolamento, que deprime e dói, só a boa saúde moral pode lutar triunfantemente.

A condição física valoriza-a o treino, o hábito que sucessivamente se vai instalando, a vida sadia de ar livre que se vive. Para manter a condição moral, o entusiasmo, a paixão e o espírito aguerrido do caçador contribuem decerto poderosamente.

Mas não se trata apenas de viver no mato. Trata-se de caçar animais, cuja perseguição e abate exigem consideráveis dispêndios de energia física e moral.

A perseguição aos elefantes obriga a palmilhar dezenas de quilómetros e não se resolve muitas vezes num dia de trabalho. Para encontrar o rinoceronte é necessário, não só percorrer longas distâncias, como também afrontar os espinhos da acácia e as ciladas da corriola.

Resistir às fadigas enormes que estas perseguições custam é muito mais difícil e doloroso do que acometer o animal e abatê-lo. É nelas que residem as grandes dificuldades da caça ao elefante e ao rinoceronte — e não nos perigos teatrais de que as narrativas venatórias nos falam.

Depois há a sede, a fome, os sonos mal dormidos — tudo o que só é possível suportar e vencer com o fogo do entusiasmo, músculos treinados e nervos equilibrados, vontade rija, dentro da fórmula condicional *Mens sana in corpore sano*.

Julgamos pois — e ao nosso juízo não falta experiência — que, pela ordem de importância, o caçador de grandes feras precisa reunir as seguintes qualidades: saúde vigorosa, resistência à fadiga em alto grau, destreza disciplinada, nervos serenos, coragem oportuna, prudência inteligente, conhecimento profundo da vida e dos costumes dos animais, desembaraço a servir-se das armas, persistência, entusiasmo e amor pela caça.

E deixemos sonhar com os heróis das narrativas venatórias as donzelas românticas e os burgueses crédulos.

O homem com estas qualidades medianamente desenvolvidas e cultivadas pode sempre vir a ser grande caçador de feras.

Todavia, para caçar os grandes brutos ferozes não basta possuir apenas qualidades naturais, de ordem física ou moral. Há circunstâncias de ordem material, nem sempre fáceis de reunir, a que é preciso atender.

Elefantes e rinocerontes não se caçam como as perdizes, nos ócios do domingo ou em dia folgazão de abertura de caça. Exigem tempo — exigem, por consequência, dinheiro.

Se como profissão pode a caça ser actividade rendosa, como desporto é sempre prazer muito caro.

E esta circunstância, mais do que os riscos, do que as lendas, do que as qualidades do caçador, reduz extraor-

dinariamente o número de pessoas a quem é dado abater peças de honra como o elefante e o rinocerente.

Os longos caminhos que é necessário trilhar, o tempo que esses deslocamentos exigem, os recursos materiais que esses deslocamentos exigem, os recursos materiais que é preciso reunir — a provisão do acampamento, as armas, os transportes, os serviços — exigem capital relativamente importante e que desilude grande parte dos melhores devotos.

Noutros capítulos referiremos estes pormenores, que não podem deixar de ter importância e que fazem parte integrante da vida do caçador.

Por agora, definidas em parêntesis breve as condições a que este precisa de obedecer, para ser, de facto, um caçador, ponhamo-lo em frente dos bichos e vejamos como se caçam.

## II

### A CAÇA

Tanto o elefante como o rinoceronte podem caçar-se por meio de perseguição, à espera e com armadilhas.

A perseguição faz-se geralmente sobre o rasto que os animais deixam, quando regressam dos bebedouros, às matas; ou sobre qualquer outro rasto surpreendido na floresta ou em passagem habitual.

Entre o Capelongo e o Mulondo, por exemplo não é necessário ir ao rio procurar o rasto. A estrada corre mais ou menos paralelamente ao Cunene, a cerca de dois quilómetros, e o rasto surpreende-se facilmente no seu leito arenoso. Sucede muitas vezes que, perdido o rasto que se seguia ou sendo-se obrigado a abandoná-lo por qualquer motivo, outro se encontra.

O rasto — e por este nome designamos toda a série de indícios que elucidam sobre a passagem dos animais e, inclusivamente, sobre as circunstâncias e factos que a ilustraram — tem importância capital.

O caçador que caminhasse na selva, sem indicações, esperando que o Acaso o conduzisse ao encontro dos elefantes ou dos rinocerontes, poucas probabilidades teria de encontrar, não só estes animais como quaisquer outros.

Para dar com as feras é necessário procurá-las.

Caçar é, sobretudo, acção pesquisadora, que exige método, inteligência e grande espírito de observação. Estas

qualidades empregam-se na análise e interpretação do rasto dos animais.

Estes são seres dotados de sentidos apurados, esquivos e desconfiados. Se o caçador não obedece a certo número de regras tendentes a neutralizar o seu poder defensivo, não encontra no seu caminho senão as camas que eles abandonaram, os pastos onde comeram, as sombras em que se acolheram, a ausência completa.

O rasto é o elemento informador de quem caça, a base de todas as regras e a condição de qualquer êxito. Todo o animal o deixa atrás de si na impressão das patas sobre o solo, nos vegetais que pisou e comeu, nos troncos em que se encostou, nos dejectos que vai abandonando, nos lugares onde se deitou, nas gotas de sangue que um ferimento fez correr, em mil e um pequenos indícios que a prática e a experiência tornam eloquentes como frases marcando uma entrevista.

Não é fácil ler o rasto. Exige aprendizagem bem mais longa para o principiante do que a precisa para ler palavras a um analfabeto. Os mais possantes animais deixam às vezes indícios tão leves, sobretudo nas matas que o capim cobre, ou em que o solo duro e pedregoso não consente impressões muito nítidas, que o leigo nada surpreenderia.

Além disso é necessário distinguir o rasto do animal que nos interessa de tantos outros que cruzam o caminho que seguimos. E entre aqueles é preciso não confundir ainda o rasto recente com o rasto antigo, o que é de hoje e o que, parecendo recente, já é do dia anterior.

Anotamos a dificuldade de ler e seguir o rasto — mesmo o do elefante ou o do rinoceronte, mais visíveis que quaisquer outros — sem a pretensão de ensinar ou descrever uma ciência que só praticamente se aprende.

Seria tão inútil escrever longos e ilustrados arrazoados sobre o rasto dos animais, com a pretensão de instruir o principiante, como ensinar a nadar por livros.

O que dizemos não pretende senão dar uma ideia sobre a importância do rasto e a dificuldade em o seguir.

O mais pequeno indício é precioso e deve ser observado: o ramo meio comido deixou folhas e caules lacerados; nas partes feridas o estado em que as folhas se encontram, o facto de a seiva ter secado ou estar ainda húmida, dão indicações exactas sobre a hora a que passou o animal. A impressão plantar, conforme é mais ou menos recente, assim tem traços mais vivos e nítidos; na marcha a passo tem um aspecto, no trote tem outro, na fuga outro ainda. O rasto do macho é diferente do rasto da fêmea. O animal que coxeia deixa impressões diferentes daquele que caminha desembaraçadamente. O animal tranquilo, confiado, deixa no rasto os sinais dessa confiança e tranquilidade, como o animal em fuga deixa também os sinais do seu pavor. O excremento é dos indícios mais preciosos: quente ainda, revela passagem recente; frio mas na sua cor húmida de terra de siene pode ser de umas horas antes, da vespera à noite, se a observação se faz de manhã; amarelo pálido é antigo e não interessa. A urina deixa manchas de humidade que só se conservam durante poucas horas. A própria velocidade do animal, paragens, folguedos e lutas, bem como a sua corpulência, vão-se lendo como páginas de um diário.

A indicação que tem certo significado na terra mole e permeável tem outro no terreno duro e pedregoso. O aspecto que de manhã significa uma coisa, à tarde quer dizer outra. As horas da noite modificam o rasto diferentemente das horas do dia.

Em todo este complicado conjunto de indícios procura o caçador conhecer a direcção que seguiu o animal, a dianteira que lhe leva e a disposição em que vai.

Todos os animais que se encontram contribuem com a sua informação. A hipótese que se formula sobre um é ou não confirmada por outro.

Como se pode calcular, só os rastos recentes convêm. Todos os mais revelam avanço do animal sobre o caçador, superior às possibilidades que este tem de o alcançar.

Os rastos do elefante e do rinoceronte são dos mais nítidos. A corpulência e peso dos animais, os seus hábitos e as suas enormes necessidades de alimentação deixam no caminho que percorrem indícios de toda a espécie.

Todavia, mesmo na perseguição destas grandes feras, só uma vista educada de caçador se não perde no seguimento do rasto. São tantos e de tão diferentes datas que é facilímo o transvio.

Há indígenas especializados no seguimento de pistas de caça — os chamados *pisteiros*. Servem-se deles, não só os caçadores principiantes, mas também os experimentados, porque o esforço de atenção necessário para seguir o rasto é extremamente fatigante.

Todavia nenhum caçador se deve desinteressar absolutamente do trabalho do *pisteiro* — o principiante porque aprende uma ciência que lhe é inteiramente necessária; o experimentado porque, por melhor que seja o *pisteiro*, não é raro este enganar-se, convindo, por consequência, fiscalizar o caminho que ele segue.

Temos *pisteiros* magníficos, educados e ensinados por nós. Isso não tem impedido que mais de uma vez nos tenhamos tranviado por os deixarmos perfeitamente à vontade, sem cuidarmos de verificar, de quando em quando, se estão seguindo o verdadeiro trilho.

Depois de encontrado o rasto que nos convém, e que desde logo nos indica a corpulência dos animais, o número da manada e o sexo de cada um, começa a perseguição.

Quer se trate de elefantes ou rinocerontes, deve contar-se, desde logo, como regra geral, com algumas horas de marcha, pelo menos. Os *pisteiros* na frente, com as armas, a água e o farnel, o caçador a poucos metros, vão seguindo o trilho caprichoso, em andamento que é tanto mais rápido quanto melhores forem os *pisteiros*.



Grande solitário abatido em 1927

Enquanto a perseguição se faz a grande distância do perseguido, tudo corre normalmente. A fila indiane vai proseguindo, silenciosamente, ora através da *chana* alegre e desanuviada, ora em mata agreste e difícil. E esta marcha pode durar três, quatro, oito horas ou um dia inteiro. Só termina quando se encontra o animal, ou quando o rasto nos faz perder todas as esperanças de o encontrar, como sucede, por exemplo, quando as feras fogem por terem presentido o caçador.

À medida que a distância entre este e os animais diminui, vai também o vento representando papel cada vez mais importante. Como dissemos, a perseguição só tem probalidades de êxito e condições de segurança quando realizada contra os ventos dos bichos. É portanto necessário que, a partir de certa altura por diante, o vento auxilie o caçador. Em caso contrário está a partida falhada de antemão, antes de se topar o inimigo, E a única aquisição real alcançada... é uma estafa respeitável.

Quando se diz «vento» dever-se-ia dizer, mais rigorosamente, na maior parte dos casos, «aragem».

É tão imperceptível, tão subtil, que parece inexistente.

Todavia, por mais parado que pareça o ar, mesmo nesses dias cálidos de braseiro, em que tudo parece dormir em imobilidade mortuária, há sempre uma direcção segundo a qual as massas de ar se movem. E o caçador lança mão do cigarro, cujo fumo o vai orientando.

Na proximidade das feras, se o vento até lá nos ajudou, começa a marcha a fazer-se mais silenciosa, mais cautelosamente.

Estas perseguições nem sempre conduzem ao encontro dos animais. Como referimos, estes podem fugir — e fogem frequentemente. A desilusão, o trabalho baldado, o regresso triste ao acampamento, são circunstâncias que, por não serem raras, devem ser previstas.

A caça a estas duas grandes feras exige muitos esforços, muito trabalho, muita fadiga, que nem sempre encontram a melhor recompensa.

Mas suponhamos que tudo correu bem. Conseguimos aproximar-nos dos animais — estamos a vê-los.

Temos vários casos a considerar:

1.<sup>o</sup> — *A manada de elefantes machos*. É o caso mais fácil e o mais interessante para o caçador. Estão calmos e pachorrentos, comendo ou gozando a frescura da sombra, umas vezes em grupo compacto, se a sombra é escassa, outras vezes espalhados em área mais ou menos extensa onde não perdem o contacto. Procuramos com a vista o mais corpulento — aquele a que devem corresponder certas impressões plantares que o rasto nos mostrou, enormes, divididas como rede de malha apertada, redondas, quando foi a pata da frente que assentou, ovais quando a pata posterior se imprimiu.

Verificamos se não se trata de algum «mocho». Exatamente nesse momento o animal descasca com o dente esquerdo — aquele que geralmente emprega nesta operação — a vestimenta rugosa de um tronco. Ao longe, as duas pontas, por entre a massa cinzenta dos corpos, luzem como lâminas de alfanje.

A posição em que o animal se encontra dentro da manada vai determinar a forma do ataque. Se está em posição difícil, isto é, entre os companheiros dispersos e a longa distância, pouco acessível a tiro de precisão, ou esperamos pacientemente que a manada se desloque e apresente o nosso eleito em condições, ou escolhemos outra vítima mais propícia. O caçador que liga importância ao comprimento das pontas espera, naturalmente.

Também se pode proceder atacando primeiro um animal mais bem colocado, para atacar em seguida o preferido com uma série de tiros, no momento de confusão e pânico que se estabelece, depois da primeira detonação. O sistema nem sempre dá resultado, mas é de tentar em muitas circunstâncias.

Suponhamos que temos o animal bem colocado.

Sempre contra os seus ventos, o caçador vai-se aproximando quanto pode, evitando todos os ruídos que o denunciem. Se o terreno lhe oferece a protecção de esconderijos — grandes troncos, tufo de verdura, morros de *salalé*, etc. — a aproximação faz-se cautelosa e seguramente até cerca de vinte e cinco metros da fera. E sem que esta o sonhe o tiro parte — e logo a seguir outro, outro e outro, tantos quantos o caçador puder despejar, quer sobre o bicho que escolheu, que sobre os que fogem, se o primeiro caiu.

Se entre a manada e o caçador o terreno não permite aproximação oculta até distância de tiro — caso dos animais na *chana* ou em mata muito aberta — o caçador tem que lançar-se numa acção emocionante, teatral e decidida: correr vertiginosamente, de encontro à fera, descoberto, até aos vinte metros de distância, e aí sentar-se ou ajoelhar rapidamente, atacando sem hesitar.

O elefante dá logo por ele no começo da corrida. Desfralda as enormes orelhas, levanta a tromba, olha com curiosidade, procurando compreender. Privado do uso do olfacto, porque o caçador corre na boa direcção, a sua vista não toma como inimigo aquele ser insignificante, menos corpulento que qualquer antilope de vulto, que se desengonça em carreira menos veloz que a dos facocheros. Só depois da primeira detonação — infelizmente para ele, muito tarde — entende o perigo que o ameaça.

O ataque nestas condições é dos mais emocionantes para quem se inicia na caça ao elefante. Esta corrida ofensiva, descoberta, de encontro a feras descomunais, sob as vistas atentas de todos os olhos da manada, vendo as suas trombas erguidas, as presas lampejantes e as orelhas desfraldadas, depois de tanta cautela em nos recolhermos, de tão micuciosos cuidados em nos ocultarmos — enfim, depois de tanta prudência despendida — aberta o coração e enche-se daquela deliciosa embria-

guez do perigo, amarga e voluptuosa, causticante e sedutora.

É todavia o perigo, nestas condições, é mais imaginário do que real. A emoção desaparece no caçador experimentado. Com muito menos poder espectacular há situações incomparavelmente mais graves para o caçador de elefantes. De resto, correr para a fera é muito menos sério... do que ter de fugir dela.

Logo que se inicia o ataque a manada entra em pânico e foge desabaladamente, arrasando a mata.

Depois da primeira corrida, ou se recompõe e procura vir salvar o companheiro caído, ou continua em marcha veloz, que para sempre a afaste daquele lugar maldito.

Em qualquer caso manda a prudência que o caçador se afaste também e guarde para mais tarde o trabalho de despojar o animal.

O que descrevemos é apenas regra geral. Quer dizer: é assim que habitualmente se atacam as manadas de elefantes machos e é assim que habitualmente elas se comportam. A regra nada tem de rígido. O imprevisto representa sempre na caça aos animais ferozes papel importante e seria impossível discriminar todos as formas que pode revestir.

2.º — *A manada de fêmeas.* Tem menos interesse para o caçador. Além de serem animais de menor corpulência que os machos e de reduzido comprimento de pontas, estão defendidos pelas leis de caça, que, em geral, proíbem a sua perseguição e morte. A juntar a estas circunstâncias existe a de serem feras mais inquietas e de caça mais difícil. Os cuidados da maternidade, sobretudo, fazem das fêmeas inimigos muito respeitáveis.

Perseguem-se, todavia, frequentemente, manadas de fêmeas, para alcançar os machos que delas fazem parte. É com o propósito de abater um macho pode, no entanto, ser-se obrigado a matar uma fêmea, como acção de defesa, ou como tática para pôr a manada em fuga.

A perseguição e o ataque fazem-se nas condições

referidas anteriormente. Simplesmente, manda a prudência evitar quanto possível as corridas a descoberto, ou deixar de atacar quando há crias na manada e o macho não está bem colocado. Isto, em geral, não se dá porque o macho, ou machos, andam um pouco afastados da manada.

A melhor altura para atacar as manadas é quando estas repousam na mata. Todavia, quando se perseguem fêmeas, também é boa oportunidade a que oferece a sua passagem em marcha. O macho é, geralmente, o último — e as fêmeas, preocupadas com o salvamento dos filhos, põem-se em fuga rápida às primeiras detonações.

3.º — *Elefante solitário.* Descrevemos o animal de forma a deixar supor a maneira como ele se comportará perante o inimigo. Perseguido como a manada, pelo rasto, as precauções e a obediência a todas as boas regras devem ser rigorosíssimas.

É muito imprudente atacar este animal em corrida a descoberto. O vento deve merecer a maior atenção, pois pode variar de um momento para o outro e denunciar nos.

É preciso contar com a carga, por maiores e mais fundadas esperanças que tenhamos em abatê-lo aos primeiros tiros. É, como o rinoceronte, animal que nunca se sabe, ao certo, o que irá fazer.

Quer à vista do solitário, quer perante a manada, o caçador não deve fazer o ataque sem ter estudado muito bem a retirada. A fuga diante de uma fera tem de ser acto de tática, de prudência — nunca confissão desorientada de derrota. Foge-se, não só para defender a própria vida, mas também para procurar melhores condições para o contra-ataque.

É a oportunidade de falarmos das cargas do elefante.

O solitário é o animal que mais frequentemente as faz, o que não quer dizer que não se possa sofrer a carga até por parte dos elefantes das manadas de machos.

Os casos de ataque por parte do animal que mais vezes se observam são os seguintes:

O do solitário logo que pressente e vê o inimigo, ou quando foi ferido: a fera solta o seu grito de guerra e lança-se furiosamente, de orelhas abertas e tromba erguida, com velocidade fantástica. Parece o mundo a desabar sobre nós. Estremece o solo, uivam os ramos, desloca-se o vento em ar de tempestade.

O caçador, se tem grande confiança na sua arma e nos seus tiros, aguenta a carga, defendendo-se. Não recomendamos a ninguém esta façanha, a não ser por carência absoluta de outro recurso de salvação. Em 90 por cento dos casos custará a vida ao caçador. Normalmente este deve fugir na direcção previamente escolhida, procurando a oportunidade de contra atacar em boas condições.

A fuga realiza-se sempre para a direita ou esquerda da direcção do vento; em caso algum contra este. O itinerário, quanto possível zigzagueante, em corrida serena e atenta, que permita procurar esconderijos próximos. O animal enfurecido, perdendo o caçador de vista, detém-se para o procurar: aplica inteligentemente todos os sentidos utilizáveis, esquadrinha a mata com a vista, apura o ouvido, quer surpreender pelo olfacto a presença do adversário. Este não pode bulir uma folha, até que a posição da fera lhe permita renovar o ataque e abatê-la de vez.

Em nenhuma circunstância como nesta são necessários o sangue-frio e completo domínio dos nervos.

Outro caso frequente de carga é a do elefante ferido que se destacou da manada e que o caçador persegue, na esperança de o encontrar morto ou de o acabar.

Se se trata de caçador prudente e experimentado, só seguirá o animal no dia imediato àquele em que o feriu. E então, além de caminhar com mais segurança, terá ocasião de verificar no rasto a série de esperas que o elefante lhe fez. Atormentado pela dor, sedento de vin-

gança, de tempos a tempos pára, nas melhores condições de vento, esperando o inimigo, para o que acontecer.

E se o caçador, apesar do atraso que leva, o vai encontrar ainda vivo, tem de contar com a carga furiosa, e agir como se se tratasse do solitário que atrás referimos.

Casos de carga de elefantes dão-se também com frequência quando a manada se desorienta, em virtude do ataque do caçador. Alucinados pelo pavor, resolvem arremeter contra o perigo que os ameaça e lançam-se furiosamente sobre o homem. Estas cargas, feitas geralmente por um macho que se destaca da manada, mas levadas a cabo também, em casos muito mais raros, pela manada inteira, são perigosíssimas. O caçador, que vê a manada desorientada pelos primeiros tiros, deve usar da maior das cautelas e pôr-se rapidamente a salvo.

O simples espectáculo da manada destrambelhada e furiosa, lançando-se em carga cerrada sobre o adversário, é bastante para arrasar os nervos mais sólidos.

Teremos ocasião de a descrever noutro capítulo.

Também a fêmea-mãe, às vezes, carrega. Todavia, como regra, é de esperar vê-la fugir, se com a fuga julga poder evitar o perigo que ameaça a eria, ou crias, que traz consigo.

4.º — *Rinoceronte isolado*. Perseguido pelo rasto como os elefantes, pois é também animal que deixa atrás de si copiosos sinais de passagem, obriga aos mesmos cuidados quanto a prudência e direcção dos ventos. A perseguição, em geral, é menos longa, mas nem por isso deixa de ir muitas vezes às duas ou três dezenas de quilómetros. O itinerário dos rinocerontes é muito mais caprichoso que o dos elefantes. Deste modo, embora não venham a recolher-se muito longe dos lugares onde vão beber, e onde o caçador mais provavelmente vai procurar o rasto que lhe convém, é muito longo e vário o caminho que percorrem.



Os sinais mais nítidos deixados pelo rinoceronte são o excremento e a pegada. Esta pode tornar-se imperceptível em terreno pedregoso, ou atapetado, poucas horas depois da passagem do animal, mas aquele não dá lugar a dúvidas. O rinoceronte pisa o excremento, espalha-o raivosamente com as patas e o corno, tornando fácil a sua observação e o cálculo do tempo que nos leva de avanço.

Na proximidade do animal, a *Tchiluanda*, que se esforça por preveni-lo, pode também, involuntariamente, denunciá-lo. O esvoaçar destas aves fornece indicações seguras. E o caçador, logo que topa algumas, procura naturalmente não lhes despertar atenção e prosseguir o mais sigilosamente que pode.

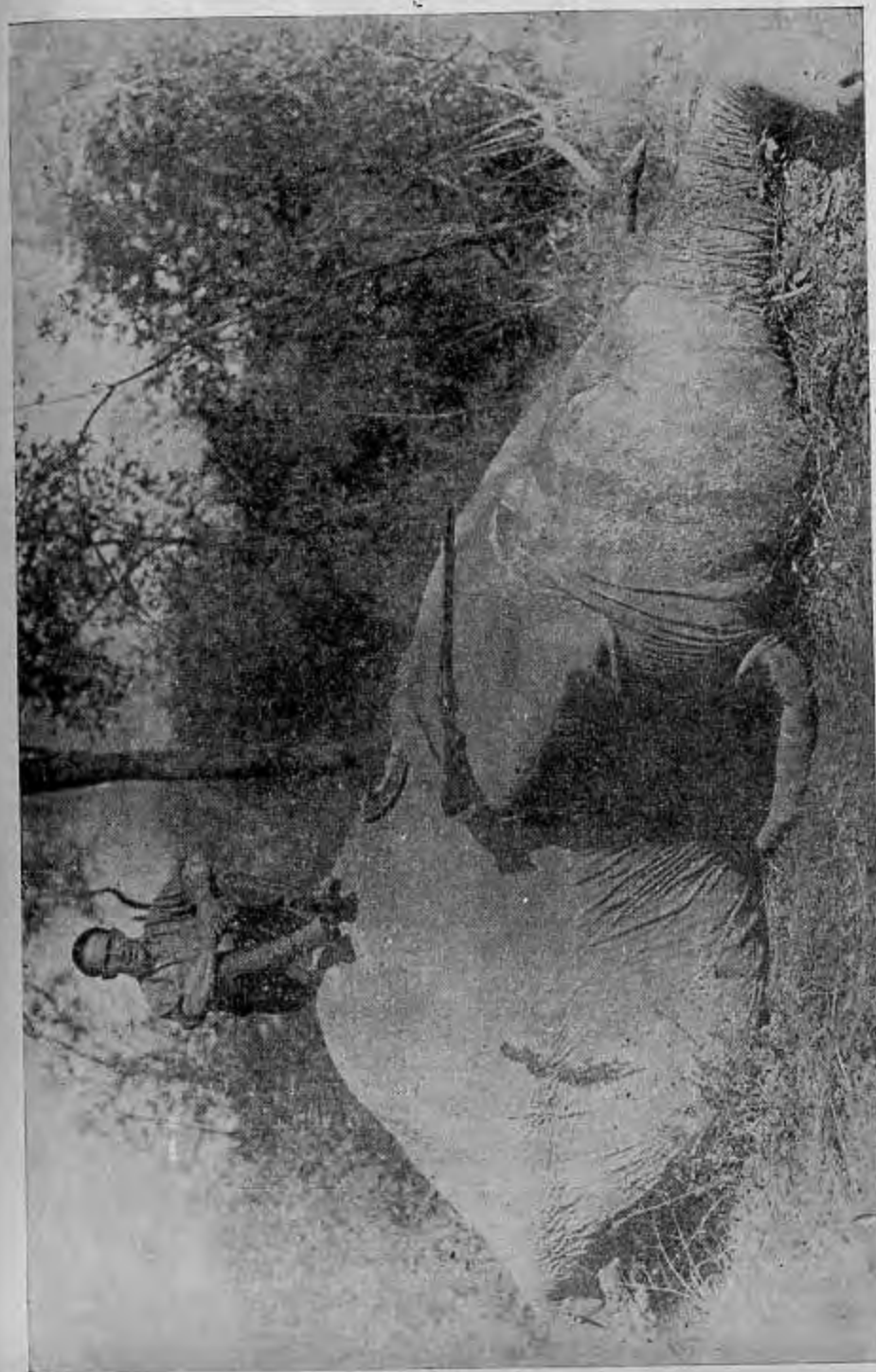
Se o animal dorme, o que é fácil reconhecer pelo ressonar vibrante, que se ouve a grande distância, um caçador hábil pode surpreendê-lo na cama. Certifica-se uma vez mais se está na boa direcção do vento e, lançando-se resolutamente para a frente, em corrida veloz e silenciosa, que a profundidade do seu sono às vezes consente, aproxima-se até encostar-lhe o cano da espingarda ao ouvido, ou à coluna vertebral, e puxa o gatilho.

Esta acção, embora exija audácia e decisão em graus superiores, surte bom resultado a maior parte das vezes e paralisa o animal ao primeiro tiro, evitando todos os riscos e incidentes da carga.

Todavia, nem sempre é possível o ataque desta natureza. Ou porque o animal está acordado ou porque a *Tchiluanda* o não consente, é com a fera desperta e enraivecida que temos de nos haver.

Neste caso o êxito depende sempre das qualidades de sangue-frio do caçador. A luta é espectacular, desmoralizante, pelo fragor e velocidade que suscita, mas relativamente fácil para caçadores calmos e habituados a ela.

O animal surpreendido procura, com natural e epilépica inquietação, a direcção do vento, fareja, perscruta e lança-se cegamente, em linha recta, com a velocidade e



Elefante do Sul de Angola, abatido em 1929

a trajectória dos torpedos. O caçador, que já fez, naturalmente, o seu primeiro tiro, furta-se à investida e contra-ataca uma, duas, três vezes — as necessárias para o abater.

Se o animal desaparece, impõe-se a perseguição do ferido nas condições em que se persegue o elefante atingido por balas: muito tempo depois — e contando com o ataque em espera eventual.

Se o animal, depois da segunda detonação (o que é frequentíssimo), se volta para renovar o ataque, o caçador terá de repetir as furtas às investidas, colocando-se na melhor posição para despejar mais tiros.

E terá sempre como certo que o animal só cairá com o último sopro de vida.

Repetiremos: o que mais importa perante a carga do rinoceronte é conservar, através do fragor impressionante da batalha e contra a expressão odienta e má que o ataque do animal oferece, a seneridade necessária para nos furtarmos ágilmente às suas furiosas investidas.

5.º — *Grupo de rinocerontes*. Diz respeito aos casos de macho e fêmea acasalados; macho e fêmea com cria; fêmea com cria; ou fêmea com duas crias, uma maior do que a outra.

A tática a adoptar visa a imobilizar primeiro o macho, no caso de se tratar de casal; ou a fêmea-mãe, no caso de não haver macho. O afastamento habitual dos animais permite, até certo ponto, o êxito dessa tática.

Todavia, é sempre complicado e perigoso o ataque a um grupo, pois tem de se contar com tantas cargas quantos os animais. E pode, às vezes, a furta que nos livra do estoque de um lançar-nos sobre o cutelo do outro.

São estes os casos usuais em caçadas de perseguição — as mais frequentemente empregadas e as que conduzem a melhores resultados. As regras que enumeramos correspondem a uma média de casos e não são isentas de numerosas excepções.

Em capítulo de narrativas procuraremos esclarecê-las melhor, por meio de exposição menos árida, de casos vívidos — e sempre com a pretensão de fornecer notas de caça e não a de adestrar devotos para um desporto que só a prática ensina.

É claro que as condições de uma caçada se modificam com o número de caçadores — se estes se equivalem. Os ataques combinados, o socorro mútuo, e até a possibilidade de comunicar pensamentos, ideias e observações, aumentam as probabilidades de triunfo do caçador.

Com os indígenas, em geral, não se deve contar. Magníficos auxiliares como *pisteiros* e carregadores, desaparecem milagrosamente quando a iminência do perigo se aproxima.

Como caçadores inexperientes ou destituídos de qualidades, a não ser para os ensinar ou por condescendência de amizade, é caso para dizer que *mais vale só do que mal acompanhado*.

A outra forma de caçar elefantes ou rinocerontes é a espera.

O sistema é muito falível em regiões de grande abundância de águas. Animais muito fantasistas, não têm bebedeiro certo, não sendo fácil prever onde vão beber amanhã os bichos que hoje se dessedentaram em determinado local. Todavia é de tentar, no auge da estação seca, em regiões onde elefantes e rinocerontes sejam abundantes.

As esperas fazem-se de noite, junto aos bebedeiros.

O rasto indica se o local é ou não frequentemente visitado, dando por consequência ideias relativamente seguras sobre as probabilidades de êxito.

Aliás, nestas circunstâncias e em bons bebedeiros, é razoável esperar que os animais que faltaram uma noite venham a aparecer numa das duas noites próximas. E o caçador só terá que esperar.

Nas noites de luar pleno — essas magníficas noites da África — a simples claridade do luar permite ao caçador experimentado visar os animais com relativa precisão. Em noites de menor luminosidade, as lanternas eléctricas de grande foco, o próprio farolim do automóvel ligado à bateria que o preto transporta, fornecem a luz necessária, no momento preciso.

Mas não basta haver luar e rasto de elefantes para os ter à noite no bebedeiro. É necessário também que o vento esteja de feição e o caçador possa encontrar local para os esperar sem ser pressentido.

A espera prepara-se, em geral, durante o dia, sob as indicações do rasto. Pode utilizar-se a *mutala* (palanque confortável construído entre os ramos de uma árvore), qualquer acidente de terreno, ou o simples tronco, junto do qual se aguardam os acontecimentos. É questão de preferência e de possibilidades. A *mutala* bem feita é mais segura e mais cómoda, mas imobiliza o caçador. Não lhe permite escolher rapidamente a posição mais propícia nem perseguir um animal que um acidente de terreno ocultou. Preferimos esperar os bichos ca em baixo, em lugar onde facilmente nos possamos deslocar.

Por vezes, as feras não vêm ao bebedeiro que escolhemos, mas ouvem se umas centenas de metros além, noutra lugar. É preciso ir ao encontro delas, realizando um sistema misto de espera e perseguição.

A aproximação dos animais é facilmente denunciada pelo estalar dos ramos. Os elefantes, sobretudo, começam a ouvir-se, às vezes, uma hora antes de chegarem ao bebedeiro.

O local de espera deve ser escolhido de maneira tal que a passagem dos elefantes ou rinocerontes venha a fazer-se a distâncias de tiro não superiores a trinta metros. Se os animais, contra o que se previu, vão passar mais longe, a *mutala* torna-se inútil e é necessário ir ter com eles.

O momento oportuno para o ataque pode ser aquele em que os bichos entram no bebedeiro, ou aquele em que saem. Se à entrada as condições são boas, não é evidentemente sensato esperar pela saída, confiando em condições ótimas. Ataca-se imediatamente. Em caso contrário aguarda-se, com o prémio de um espectáculo, que é sempre pitoresco e movimentado: o banho das feras.

As circunstâncias em que se realiza o ataque, perfeitamente a coberto, e sem a menor desconfiança por parte do animal, permitem escolher a melhor presa, se se trata de elefantes, e procurar a melhor ocasião, se se trata de rinocerontes. Estes, em geral, não caem aos tiros de uma espera e obrigam à perseguição no dia seguinte, em que é natural ir encontrá-los mortos.

As esperas realizam o ideal do caçador comodista, mas são muito mais incertas e menos interessantes que a perseguição.

Para concluir, depois do que atrás descrevemos, parece-nos ocioso dizer que na preparação da espera, e quando vai ocupar a *mutala*, o caçador deve usar da máxima cautela em não trilhar o caminho por onde os animais devem fazer o itinerário. Uma falta desta natureza compromete o êxito da caçada.

Temos, finalmente, a armadilha, como terceira e última forma de caçar elefantes e rinocerontes.

Não é processo simples nem tentador.

Se em muitas outras espécies a armadilha dá, por vezes, resultados interessantes, com estas duas grandes feras, não só exige o mais esgotante dos trabalhos, como falha na maior parte dos casos.

É, todavia, o processo mais empregado pelos indígenas, que, por falta de armas apropriadas, não têm outro remédio senão recorrer a ele. Também o utilizam os captadores de animais selvagens que trabalham para fornecer *ménageries* e jardins zoológicos e que, por consequência, precisam dos animais vivos.

Esta profissão, que sempre foi rara, não só porque exige conhecimentos profundos, que obrigam a longa prática, como também porque, em material, pessoal e transportes, se torna extremamente dispendiosa, é hoje mais rara do que nunca.

Ignoramos se neste momento andarão pelo mundo alguns captadores de feras. Estamos convencidos de que raríssimos serão e que o processo se pode dizer quase exclusivamente aplicado pelos indígenas.

Estes mesmo, no Sul de Angola, há muito tempo que não usam a armadilha para a caça ao elefante e ao rinoceronte.

Os poucos que se entregam a tal desporto servem-se de armas de fogo. De resto, o marfim, que outrora constituía a mercadoria mais rica do tesouro dos sobas e que, por esse facto, sofria exploração metódica e intensiva, deixou de ter para os indígenas o mesmo valor e a mesma importância, desde que o prestígio dos potentados negros desapareceu e a selva começou a ser trilhada por numerosos caçadores brancos.

De uma maneira geral, pode dizer-se que só o branco, ou o preto ao serviço de brancos, procuram o marfim. E estes, naturalmente, servem-se de armas de fogo.

O rinoceronte sempre foi muito pouco procurado pelos indígenas.

A armadilha é, por consequência, no Sul de Angola, processo antiquado, histórico, de caçar.

A forma que revestia, e da qual se topam ainda fartos vestígios nas regiões de elefantes do Sul, era a fossa.

Covas de quatro metros de comprimento por dois de largo, profundidades que iam até seis metros, bastante grandes para conter um elefante, bastante apertadas para que estes não pudessem utilizar as suas maravilhosas qualidades de sapadores e libertarem-se.

Uma fossa não bastava naturalmente. Para haver probabilidades de prender a fera eram necessárias bastantes fossas em áreas relativamente extensas e em locais onde

se previa a passagem dos animais. Pode supor-se o trabalho que exigiam tais remoções de terras.

O rinoceronte, mais fiel a itinerários habituais do que o elefante, tornava-se mais fácil de capturar. Mais solitário tinha menos probabilidades de escapar, visto que não podia contar senão consigo para o conseguir.

Depois de preparadas as fossas, que se cobriam com ramos e folhas que as disfarçavam, e nas quais era necessário fazer desaparecer todos os vestígios da presença do homem, esperavam-se longos dias, longas noites — às vezes eternamente — sem o mais pequeno resultado.

Outras vezes a fera caía, mas era libertada pelos companheiros.

Quando os animais se aproximavam das fossas, para aumentar as probabilidades de captura, empregavam-se processos vários, tendentes a lançar o pânico entre eles e a provocar fugas desordenadas. O processo resultava especialmente nas manadas de fêmeas, que, lançadas em correrias espavoridas, tomavam direcções diferentes e não se rodeavam das precauções habituais em marcha.

Nos casos raros em que o êxito coroava tão difíceis tentativas, o animal era facilmente morto pelos indígenas com as suas armas gentílicas.

O captor de feras, mesmo depois de aprisionado o animal, tem ainda enormes trabalhos a suportar. Extrair da fossa para a jaula um elefante ou um rinoceronte, não é mais fácil do que fazê-los cair na armadilha.

É necessário deixá-los muito tempo sem comer para os enfraquecer — e, mesmo assim, a extracção obriga a trabalhos engenhosos e perigosíssimos, que muitas vezes custam a vida a alguns homens.

O rinoceronte é mais fácil de prender. Não só porque é menos volumoso, mas, sobretudo, porque é brutalmente estúpido. Consume-se em fúrias vãs e arrancos que o aniquilam.

O elefante, na sua raiva, não perde os favores da inteligência: embora barafustando como endemoninhado, não perde nenhuma oportunidade de destruir os trabalhos e engenhos que se vão acumulando para o imobilizar.

Estas operações duram às vezes prolongados dias.

\* \* \*

É o momento de versarmos um assunto capital: o tiro.



Pontos vulneráveis da cabeça e pescoço do elefante

Como dissemos algures, não é indispensável ser atirador extraordinário para ser grande caçador. Basta atirar bem e ter o suficiente desembaraço no uso da arma — não é preciso atirar maravilhosamente.

Em qualquer carreira de tiro, um médio atirador, a cem metros, atinge sem dificuldade uma superfície igual ao mais reduzido dos pontos vulneráveis do elefante ou rinoceronte.

Isto quer dizer que as dificuldades de tiro de caça a estas feras — tiro que em geral se faz a muito menor distância — dependem especialmente de factores que o mé-

dio atirador pode realizar e que o *virtuoso* de carreira de tiro, em muitos casos, não terá ao seu dispor.

Esses factores são a serenidade, a paciência e o conhecimento profundo dos pontos de referência anatómicos, que correspondem aos órgãos vitais do animal, em qualquer posição em que ele se encontre.

Sem a calma necessária o tiro é inútil ou agrava a situação do caçador, deixando-o em presença de um animal ferido. A falta de paciência leva a atirar muito depressa, precipitadamente. Sem o conhecimento dos pontos mortais é facilímo alcançar o elefante ou o rinoceronte porque, enfim, da ponta da tromba à ponta da cauda tudo é fera — mas é muito raro tombar o bruto como se faz mister.

Um animal ferido em órgão vital, não só vem a morrer e, portanto, *a ser caçado*, realizando-se o objectivo do caçador, como também, não caindo imediatamente, procura, na maior parte dos casos, fugir. *Mas é necessário que seja vital o órgão atingido.*

O animal ferido, embora gravemente, em qualquer outro ponto, é sempre perigoso. A própria gazela, meiga e medrosa, airosa e frágil, leva às vezes o desespero que o ferimento lhe causa até ao ataque.

Não basta, por consequência, meter uma bala no corpo do animal — é necessário absolutamente que essa bala vá encontrar órgão vital. Exigem-no o objectivo e a segurança do caçador.

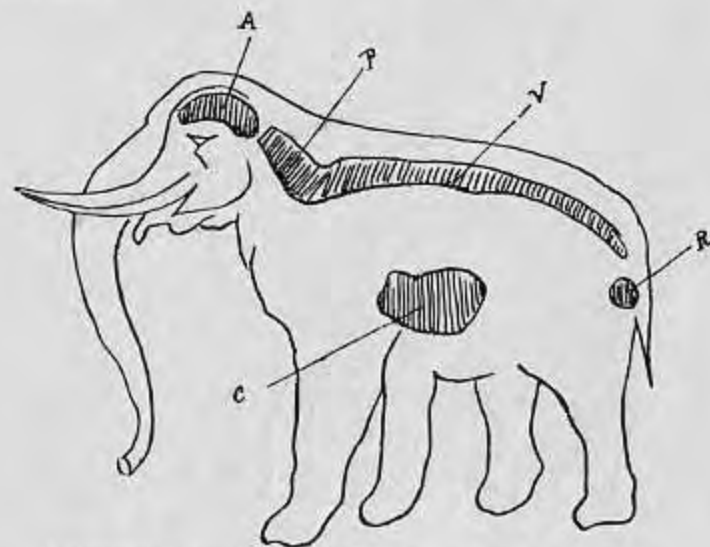
Importa, portanto, saber referenciar os pontos vitais da vulnerabilidade do animal e apontar precisamente.

É frequente os caçadores novatos ou excessivamente entusiastas, perante uma manada de caça, atirarem para o monte, ao acaso. E sucede-lhes, não menos frequentemente, não abaterem um único animal e, também, acabarem por ser volteados por algum ferido, que os surpreende em pleno entusiasmo.

Certamente, nestas condições, a maior parte dos tiros atinge os animais. O alvo é muito grande para se poder

supor que não são alcançados. Simplesmente as balas vão bater pontos que não são vitais.

Por maior e mais densa que seja a manada, é indispensável visar um animal, e nesse animal procurar os lugares próprios — aqueles a que correspondem órgãos internos essenciais.



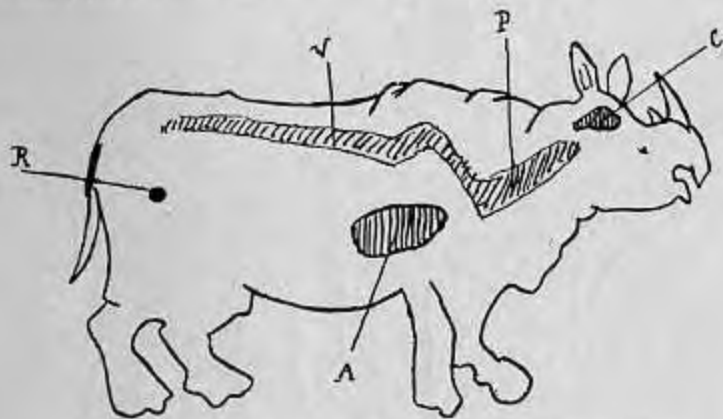
Vulnerabilidade do elefante: regiões que no elefante correspondem ao cérebro (A); à porção cervical da coluna (P); à porção dorsal e lombar da coluna (V); à articulação do fêmur com a bacia (R) e ao coração (C)

Têm igualmente importância, muitas vezes decisiva, no tiro, a apresentação do animal e os acidentes do campo de tiro.

Não são as mesmas as condições perante o animal parado e o que se desloca, perante o que carrega e o que foge, perante o que está na mata fechada e o que é surpreendido na mata aberta, perante o animal perseguido de dia e a fera que se espera à noite. Uma diferença de luz, a chuva, o vento, a mobilidade do bicho, alteram as condições de tiro.

Um simples caule, frágil e balouçando, pode modificar a trajectória de uma bala.

Considerada, pois, a importância destes factores, que, mais que outros quaisquer, são fundamentais como condições de tiro, compreende-se que a faculdade de acertar bem e com perícia são seja senão parte de um equilíbrio de faculdades, que, conjugadas em grau médio, são bastantes para permitirem a um homem ser caçador.



Vulnerabilidade do rinoceronte: regiões que no rinoceronte correspondem ao cérebro (C); à porção cervical da coluna vertebral (P); às porções dorsal e lombar da coluna vertebral (V); ao coração (A); e à articulação do fémur com a bacia (R)

Vejamos por consequência as condições particulares do tiro ao elefante e ao rinoceronte, que, aliás, não são muito diferentes das condições de tiro a outras feras corpulentas.

A primeira bala tem, como dissemos, importância capital. É preciso que atinja ponto vital ou articulação essencial para a imobilidade da fera.

Os órgãos que melhor correspondem a esta necessidade são:

- a) O cérebro;
- b) A espinal medula;

c) O coração;

d) A articulação do fémur com a bacia.

Os pulmões, o fígado e os rins são também órgãos essenciais, mas cujas lesões não produzem a morte repentina.

Os ferimentos no cérebro e na espinal medula paralisam instantaneamente os animais. A ferida no coração pode não matar repentinamente, mas tem efeito mortal rápido e seguro. A fractura da articulação dos membros posteriores imobiliza o animal, pondo-o à disposição do caçador.

A estes órgãos correspondem, nas várias posições em que o animal se pode apresentar, vários pontos exteriores de referência, uns mais fáceis de fixar do que outros: o ouvido é, de uma maneira geral, o círculo que passa pelos ouvidos e pelos olhos, correspondem ao cérebro do elefante; o bordo da orelha, quando encostado ao tronco, a cerca de dois terços do seu comprimento, até ao garrote, a partir do bico inferior, conduz, embora sem grande precisão, à porção cervical da coluna; o ângulo superior do membro anterior, quando o animal está de perfil e *quadrado*, é ponto de referência para o coração e pulmões. A coluna vertebral e a articulação do membro posterior não oferecem pontos de referência nitidos. Só a prática e a experiência do caçador conseguem determiná-los, com precisão sempre duvidosa.

No rinoceronte é a base da orelha que fornece a referência do cérebro e o ângulo superior do membro anterior, a do coração.

Em qualquer destes animais o tiro na espádua alcança geralmente os pulmões.

O caçador tem necessidade de estudar nos animais, que abate, a sua anatomia interna e externa, como melhor forma de se fixar e documentar sobre pontos de referência e órgãos vitais. Procurar o percurso que seguiu a bala e observar os fenómenos que se deram na sua passagem é sempre útil e importante para quem caça.

Os pontos de referência nada têm de rígido. Considerados em relação ao animal visto de perfil, mudam de valor quando a fera se apresenta noutras posições. É preciso dar o desconto devido à diferença de incidência do tiro para que continuem a ser utilizáveis pelo caçador. O tiro que, feito sobre o animal de perfil, tem uma incidência mais ou menos normal, incide segundo ângulo mais ou menos agudo, no mesmo ponto de referência, quando a posição varia. Não é só a trajectória que muda de direcção. São também as massas ósseas e musculares que podem apresentar outros obstáculos à passagem da bala. Exactamente no elefante e no rinoceronte a amplitude de alcance de um órgão essencial, em relação a determinado ponto de referência, é sempre muito pequena.

Daqui se conclui que o caçador deve procurar atirar em posições que correspondam a pontos de referência seguros. Deslocar-se-á, ou esperará que o animal se desloque, se este não estiver em posição conveniente.

Excluimos, é claro, por agora o caso do animal a carregar.

São três as posições em que podem atacar-se elefantes e rinocerontes: de perfil, de costas e de frente.

Vejamos como atiraríamos em cada uma destas posições:

1.º — *Elefante de perfil*. Para atingir a cérebro visa-se a depressão situada entre o olho e o orifício do ouvido, pouco acima da linha que os une. A morte é fulminante, mas o tiro tem de ser muito preciso. A bala que não alcança o cérebro exactamente produz efeitos medíocres ou nulos. É tiro que só deve fazer-se em boas condições e com a quase certeza de não errar. Em caso contrário é preferível escolher outros objectivos.

Para atingir o coração visa-se, na linha vertical que passa pelo bico da articulação superior do membro anterior (cotovelo), uma mão travessa abaixo do bordo inferior da orelha. É tiro bastante seguro, embora nem sempre produza morte repentina. O coração do elefante é órgão

enorme — ao contrário do cérebro, que não pesa, em geral, mais de 3 quilos — podendo facilmente ser alcançado mesmo que o tiro não seja muito preciso. Além disso o coração está situado entre órgãos importantes, como os pulmões. Animal ferido no coração ou nos pulmões, se não cai, procura mais frequentemente fugir do que atacar.

Para atingir a articulação iliaco-femoral, visa-se a ponta da nádega (não confundir com a ponta do quadril). É ponto de referência pouco nítido. Todavia, um tiro bem dirigido a este ponto põe o elefante imediatamente fora de combate.

Os tiros à coluna vertebral não os aconselhamos a ninguém. A falta de pontos capazes de referência faz deles tiros de acaso. Todavia, quando acertam e ofendem a espinhal medula, são tiros fulminantes.

2.º — *Elefante de costas*. Visa-se à esquerda ou direita do orifício anal, a distância que só a prática permite avaliar com precisão. É tiro eficaz quando bem dirigido, mas sem ponto de referência bastante nítido. Dada a posição pouco ofensiva em que o animal se encontra, é, contudo, tiro que se deve tentar sempre, mesmo com fracas probabilidades e que, em geral, se emprega quando o elefante foge do caçador.

O caçador que conheça profundamente a anatomia do animal pode pretender alcançar também, nesta posição, a articulação iliaco-femoral. O alvo eficaz é, no entanto, bastante reduzido.

Pode dar-se o caso de o animal assim apresentado levantar a cabeça de forma a poder ser visada a nuca. Nessas condições é de tentar o tiro ao cérebro.

3.º — *Elefante de frente*. Visa-se entre a espádua e a base do pescoço, na proximidade desta. O tiro vai assim alcançar os órgãos do tórax e, possivelmente, a coluna vertebral.

Se se pretende atingir o cérebro — mas o tiro é sempre duvidoso, não só pela precisão que exige, como tam-



bém porque a disposição anatómica dos ossos da cabeça defende muito bem estes órgãos — visa-se a testa pouco acima da linha dos olhos. Se o animal tem a cabeça levantada, aponta-se um pouco mais abaixo naturalmente. Se a cabeça está voltada para a direita ou para a esquerda o tiro no olho pode atingir o cérebro. Repetimos: são tiros de grande precisão.

4.º — *Rinoceronte de perfil*. Para atingir o cérebro visa-se a base da orelha. Se o animal se coloca um pouco de lado em posição intermédia entre a de perfil e a de frente, o ponto de vista é o espaço entre o olho e a base da orelha.

Para atingir o coração visa-se ligeiramente acima do bico do cotovelo.

Finalmente, para atingir a articulação iliaco-femoral visa-se, como no elefante, a ponta da nádega.

5.º — *Rinoceronte de costas*. Visa-se pouco acima do nível da nuca, na ruga que contorna a saliência da região anal.

6.º — *Rinoceronte de frente*. Visa-se entre a espádua e a base do pescoço, muito próximo desta. A posição normalmente baixa em que o rinoceronte traz a cabeça torna este tiro muito problemático.

São aplicáveis ao rinoceronte as considerações especiais que fizemos acerca do tiro aos pontos vulneráveis do elefante.

Em matéria de caça não há regras rígidas — e também não o são estas que expusemos. São apenas regras gerais, confirmadas por grande maioria de casos, e que dizem respeito ao primeiro tiro. É evidentemente impossível realizar praticamente as condições que expusemos no animal que foge ou que carrega.

Nestes casos as regras constituem apenas pontos de referência a respeitar tanto quanto possível.

A frequência dos tiros representa então um grande papel.



Caçada pouco vulgar: seis elefantes abatidos numa noite. Na fotografia vêem-se cinco. Note-se o estado de destruição em que ficou a mata onde foram abatidos.

O caçador que não abateu ao primeiro tiro deve procurar colocar tantos outros quantos puder, sem precipitação mas com rapidez. Se o animal foge, a tarefa não é extremamente difícil; se a fera carrega, não deve o caçador esquecer que tem na espingarda o melhor factor da sua segurança: um tronco de árvore volumoso, morro, ou arbusto compacto, podem servir de pequenas fortalezas que sucessivamente se vão tomando e abandonando, até que um último tiro traga enfim a vitória. O importante é não ser alcançado e procurar atirar sempre. Como regra, com poucas excepções, pode estabelecer-se que *caçador apanhado é caçador acabado*.

O tiro em qualquer condição deve ser apontado e procurar os pontos que referimos.

Evidentemente não há só estes entre os tiros capazes de abater uma fera.

Estamos a ouvir daqui todos aqueles que, sem tantas preocupações, têm abatido animais bravios, a sorrir perante condições tão apertadas. E um citará o exemplo de certo búfalo que abateu apontando para o monte; outro contará a história do elefante que matou com tiros no ventre; outro afirmará que abateu um rinoceronte sem respeito por estas regras.

Todas as histórias serão verdadeiras porque todas são possíveis.

Todavia, quem as não considerar como excepções arrisca-se, mais dia menos dia, a arrepender-se demasiado tarde.

Em 1932 reunimo-nos na Gorongoza, em Moçambique, alguns caçadores, juntamente com rapazes que eram pouco menos do que iniciados. Dividimo-nos certa manhã em dois grupos: num, os caçadores que procuravam peças de honra, como o leão, o búfalo ou o elefante; no outro, os novatos a quem qualquer antilope alimentaria o entusiasmo nascente. Cada grupo foi ao seu destino.

À tarde regressaram os caçadores sem terem topado os grandes brutos que procuravam. Entretanto os principiantes tinham abatido doze búfalos!

Atiraram como puderam, ao acaso, sobre uma manada que se lhes deparou. Não usaram de quaisquer precauções: vê-los e atirar-lhes foi caso posto e resolvido. Despejaram tiros sobre tiros; feriram uns, mataram doze — e nenhum dos opulentos bichos se voltou contra eles.

Tudo o que fizeram e o que lhes aconteceu estava fora das boas regras e das probabilidades. E no entanto aconteceu: mataram doze búfalos.

Não sei se ficaram convencidos de que a caça ao búfalo é a mais fácil deste mundo. É possível que sim. Mas se assim foi, ainda bem que regressaram à Europa e que não foram mais vezes, com a sua bela convicção, atrás dos búfalos.

Além dos pontos que citámos há certamente outros cujo alcance pelos tiros tem determinado a morte ou a imobilização dos animais: os tiros na articulação do joelho, no fígado, nos intestinos, no estômago, etc., têm abatido muitas feras.

Todavia aquele que tomar um ou outro caso isolado como regra, contra as verdadeiras regras, pagará caro um dia a leviandade.

Se pudéssemos fazer estatística documentada de todos os desastres e acidentes de caça, e ela dir-nos-ia que, na maioria dos casos, as feras que mataram homens levavam a cabo a façanha porque eles não sabiam ou puseram de parte as boas regras para as matar a elas.

## III

## NARRATIVAS

(1) Quando começámos a erguer-nos, no acampamento, cantavam os galos nas *sançalas* próximas. Era ainda muito escuro — apenas uma luz difusa, diluídissima nas trevas, anunciava a proximidade do dia. Na fogueira as últimas línguas de fogo lambiam tições vermelhos.

O frio cortante das manhãs africanas — esse frio que os europeus, imbuídos das lendas de uma África estorriante, ignoram ou não compreendem — juntava-nos em volta do lume, em silêncio pesado.

O cozinheiro aquecia o café; a sua face negra, de beizola carnuda, tinha reflexos demoníacos.

As árvores, manchas negras no quase negro do ambiente, mostravam-se em atitudes recolhidas e misteriosas. A planície dormia tranquilamente.

Tudo em volta parecia sofrer o entorpecimento que ainda nos tolhia.

Vinham chegando suavemente, como sombras lentas e medrosas, alguns negros — figuras esguias de cuanhamas:

— Bom dia, *sió!*

E acocoravam-se junto do lume, o queixo a tocar nos joelhos esqueléticos e as mãos estendidas para a fogueira.

(1) De *O Velo d'Ouro*, romance de Henrique Galvão.